

PERGUNTAS E RESPOSTAS

KRISHNAMURTI

J. KRISHNAMURTI

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Tradução de
Enid Abreu Dobranszky



EDITORA CULTRIX
São Paulo

SUMÁRIO

1.	O “Eu”	9
2.	Segurança	13
3.	Emoção	15
4.	Palavras	18
5.	“Insight”	20
6.	Educação	23
7.	Conhecimento	26
8.	Dor	32
9.	Verdade	35
10.	Violência	38
11.	Esperança	41
12.	Vida	43
13.	Fatos	45
14.	Criatividade	47
15.	Ação	49
16.	Imagens	51
17.	Reencarnação	54
18.	Medo	58
19.	Injustiça	61
20.	Fragmentação	63
21.	Atenção	65
22.	Tagarelice	68
23.	Iluminação	70
24.	Viver da maneira certa	74
25.	Fixação na memória	79

26.	Morte	82
27.	Descontentamento	85
28.	Desatenção	88
29.	Compreensão	92
30.	Sexo	94
31.	Autoridade	97
32.	Estar quieto	99
33.	Iluminação	102
34.	Experiências extra-sensoriais	105
35.	“Insight”	108
36.	Além da medida	112
37.	Consciência	115
38.	Mediocridade	118
39.	Apego	120
40.	Escolas e Fundações	122
41.	Responsabilidade	124
42.	Urgência de mudar	126
43.	Símbolos	129
44.	Pensamento e consciência	131
45.	Compaixão	136
46.	Corrupção	138
47.	Uma minoria	140
48.	Fé e oração	141
49.	Ajudando os outros	143
50.	Liberdade	145

PERGUNTAS E RESPOSTAS

No início de um encontro de perguntas e respostas em Brockwood Park, Krishnamurti disse:

"Indagar é procurar. Juntos, nós vamos procurar, encontrar, descobrir a resposta certa. Isso não é o Oráculo de Delfos! Juntos, vamos agora descobrir o significado e a importância da pergunta e também procurar resposta. Não há autoridade, aqui. Estou sentado sobre um estrado por conveniência, a fim de que todos me possam ver, mas esta posição ligeiramente elevada não me confere qualquer autoridade.

O “EU”

Pergunta: É possível, de alguma maneira, libertar-se da atividade centrada no “eu”? Há um “eu” real separado da imagem criada pelo próprio “eu”?

O que entendemos por “eu”? Se você perguntar a alguém o que é o “eu”, ele dirá: “São todos os meus sentidos, meus sentimentos, minha imaginação, minhas exigências românticas, todas as minhas posses, um marido, uma esposa, minhas qualidades, minhas lutas, conquistas, ambições, minhas aspirações, minha infelicidade, minhas alegrias” — tudo isso seria o “eu”. Você pode acrescentar mais palavras, mas a essência dele é o centro, o “eu”, meus impulsos: — “Sinto-me impelido a ir à Índia para encontrar a verdade” — e assim por diante. A partir desse centro, ocorre toda a ação; todas as nossas aspirações, nossas ambições, desavenças, nossos desacordos, nossas opiniões, julgamentos, experiências, estão centrados nisso. Esse centro não é apenas o “eu” consciente agindo exteriormente, mas também a profunda consciência interior que não é aberta e evidente; ele é todos os diferentes níveis de consciência.

Agora, o consulente pergunta: É possível libertar-se desse centro? Por que nos queremos libertar dele? Seria porque o centro é causa de divisão? Isto é, o “eu” é o elemento ativo que está agindo o tempo todo; é o mesmo “eu” com diferentes nomes, com uma pele de cor diferente, com uma

tarefa diferente, com uma posição diferente na hierarquia da estrutura social — você é o Senhor Fulano de Tal, outra pessoa é um criado — é o mesmo “eu” dividindo-se social, econômica e religiosamente — em todas essas diferentes categorias.

Onde há essa divisão deve haver conflito — o hindu que se opõe ao muçulmano, ao judeu, ao árabe, ao americano, ao inglês, ao francês. Isso é óbvio, fisicamente, e tem causado guerras terríveis, grande aflição, brutalidade e violência. O “eu” identifica-se com um ideal — nobre ou ignóbil — e luta por esse ideal. Contudo, trata-se ainda do “caminho do ego”. As pessoas vão à Índia em busca de espiritualidade; vestem diferentes fantasias, mas mudaram somente de aparência, de roupas; elas são, essencialmente, o “eu” agindo, lutando todo o tempo, esforçando-se, agarrando, negando, e estão profundamente apegadas às suas experiências, idéias, opiniões e desejos. E, à medida que se vive, observa-se que esse centro, esse “eu”, é a essência de todos os problemas. Observa-se, também, que ele é a essência de todo prazer, medo e tristeza. Pergunta-se, portanto: “Como escapar desse centro para ser realmente livre — de forma absoluta e não relativa?” É bastante simples ser relativamente livre; pode-se ser um tanto desprendido, um tanto preocupado com o bem-estar social, com as dificuldades dos outros, mas o centro está sempre lá, brutal, mordendo duramente.

É possível livrar-se totalmente desse centro? Antes de mais nada, vejam que, quanto maior o esforço feito para libertar-se desse centro, mais a própria luta o fortalece, fortalece o “eu”. Para aqueles que se desgastam em meditações de várias espécies, tentando impor algo a si mesmos, o “eu”, que se identifica com esse esforço, é capturado por ele e diz: “Eu consegui”, mas esse “eu” ainda é o centro.

Para libertar-se, é preciso que não haja esforço, o que não significa fazer o que se quer, pois isso é ainda o movimento do “eu”.

Portanto, o que é que se tem de fazer? Se você não deve se esforçar porque acredita que, quanto maior o esforço feito, maior será a resistência do centro, então, o que se deve fazer?

O consulente pergunta: Há um verdadeiro “eu”, separado do “eu” criado pelo pensamento através de suas imagens? Muitas pessoas perguntam isso. Os hindus dizem que há um princípio mais alto, que é o “eu”. Nós imaginamos também que exista um “eu” verdadeiro, separado do “eu”. Vocês todos, estou certo, sentem que há algo além desse “eu”, algo que tem sido chamado de o “eu mais elevado”, o “sublime ou o supremo eu”. No momento em que usamos a palavra “Eu”, ou usamos qualquer palavra para descrever aquilo que está além do “eu”, o “eu”, trata-se ainda do “eu”.

É possível libertar-se do “eu”? — sem tornar-se um vegetal, sem tornar-se distraído, de certo modo louco? Em outras palavras: é possível ser totalmente livre de apegos? — o que é um dos atributos, uma das qualidades do “eu”. As pessoas são apegadas à própria reputação, ao próprio nome, às próprias experiências. São apegadas ao que dizem. Se você quer realmente libertar-se do “eu”, isso significa ausência de laços; o que não quer dizer que você se torne desinteressado, indiferente, insensível, que se feche em si próprio, pois tudo isso é uma outra atividade do “eu”. Antes, ele estava apegado; agora, ele diz: “Eu não me apegarei”. Esse é ainda um movimento do “eu”.

Quando você está realmente desapegado, mas sem esforço, de uma forma profunda, básica, então, desse profundo senso de desapego nasce a responsabilidade. Não responsabilidade por sua esposa, por seus filhos, mas o profundo senso de responsabilidade. Você está disposto a isso? Esta é a questão. Podemos discutir eternamente, usar palavras diferentes, mas quando chega a hora de pôr isso em prática, de agir, parece que não queremos fazê-lo; preferimos continuar como somos, com o *status quo* ligeiramente modificado, mas levando adiante nossos conflitos.

Libertar-se da própria experiência, do próprio conhecimento, da própria percepção acumulada — isso é possível se você se empenhar energeticamente. E não toma tempo. Essa é uma de nossas desculpas: precisamos ter tempo para sermos livres. Quando você percebe que um dos maiores fatores do

“eu” é o apego, e observa o que ele faz ao mundo e ao seu relacionamento com os outros — desavenças, separação, toda a fealdade de um relacionamento — se você percebe a verdade sobre o apego, então você estará livre dele. Sua própria percepção o libertará. Você está disposto a isso?

SEGURANÇA

Pergunta: *Pode haver segurança absoluta para o homem nesta vida?*

Esta é uma pergunta muito séria. Todos nós queremos segurança, tanto física, quanto, principalmente, psicológica. Se estivéssemos psicologicamente seguros, certos, nesse caso poderíamos não ficar tão preocupados com a segurança física. A procura da segurança psicológica está impedindo a segurança física.

Pergunta o consulente: Há segurança absoluta para nós, seres humanos? Precisamos ter segurança — como uma criança que se agarra à própria mãe; se a mãe e o pai não prestam atenção suficiente ao bebê, não lhe dão carinho e não cuidam dele, o cérebro e os nervos do bebê são afetados. A criança necessita de segurança física. Ora, por que exigimos segurança psicológica? Há a psique que exige segurança; mas existe, na verdade, segurança psicológica? Queremos segurança em nossos relacionamentos — minha mulher, meus filhos, a unidade familiar. Nesse apego pensamos que há certa segurança; porém, quando descobrimos que aí não há segurança, logo escapamos para tentar encontrá-la em outro lugar.

Tentamos achar segurança num grupo, na tribo, nessa tribo enaltecida que é a nação. E, no entanto, essa nação opõe-se a outra nação. Pensar que a segurança, psicologicamente, está numa pessoa, num país, numa crença, em sua própria experiência, é o mesmo que buscar segurança física. À procura de segurança

psicológica, dividimo-nos: o hindu, o muçulmano, o judeu, o árabe, o que acredita em Jesus, o que crê em outra coisa qualquer — em todos eles há a exigência de segurança. As pessoas têm procurado a segurança psicológica nessas ilusões: as várias ilusões de se estar seguro no Catolicismo, no Budismo, no Hinduísmo, no Judaísmo, no Islamismo, e assim por diante, que não criaram senão seguranças ilusórias porque elas todas lutam entre si. No momento em que você perceber isso, não pertencerá a nada. Quando você vê a verdade de que a mente, ou o pensamento, tem procurado segurança em ilusões, essa mesma percepção traz o entendimento.

Busca-se a segurança na crença do Hinduísmo e no fato de se ser hindu, com todas as superstições absurdas e deuses e rituais neles implicados. Porém, isso se opõe a outro grupo de pessoas que têm superstições diferentes, deuses diferentes, rituais diferentes. Esses dois elementos opostos podem tolerar-se mutuamente, mas são essencialmente antagônicos. Há conflito entre os dois e busca-se segurança num ou noutro. Percebe-se, então, que ambos são baseados em ilusões. Ver isso, é inteligência; é como ver um perigo. O homem cego ao perigo é um tolo; há algo de errado com ele. Nós, entretanto, não vemos o perigo dessas ilusões nas quais buscamos segurança. O homem que age pela inteligência percebe o perigo. Nessa inteligência há segurança absoluta. O pensamento criou as várias formas de ilusão — nacionalidades, classes, diferentes deuses, crenças, dogmas, rituais diferentes e as extraordinárias superstições religiosas que permeiam o mundo — e nelas ele tem procurado segurança. Não vemos o perigo dessa segurança, dessa ilusão. Quando percebemos esse perigo — não como uma idéia, mas como um fato real — esse ver é inteligência, a forma suprema de segurança absoluta. Portanto, *existe* uma segurança absoluta: é a de ver o verdadeiro no falso.

EMOÇÃO

Pergunta: *As emoções são fortes. Nossos apegos são fortes. De que modo o olhar e o ver reduzem a força e o poder dessas emoções?*

Tentar controlar, suprimir ou sublimar emoções e apegos, de maneira alguma reduz o conflito, não é? As emoções de uma pessoa são tão extraordinariamente fortes, a ponto de terem uma atuação? Em primeiro lugar, temos de estar conscientes, alertas, para saber ou reconhecer, para ver que nossas emoções são fortes e também que estamos apegados. Quando temos essa consciência, o que acontece?

Estamos conscientes de nossos apegos ou de fortes sentimentos de ódio, inveja, antagonismo, agrado ou desagrado. Esses apegos e sentimentos, sendo tão fortes, sobrepõem-se ou controlam nossas ações? Uma pessoa está examinando, olhando para as emoções e apegos que são aparentemente muito fortes e percebe que eles atuam como barreiras ao pensamento límpido e claro, às ações corretas. Essa pessoa está consciente disso, ou toma-o como certo? Diz ela: "Sim, eu tenho emoções muito fortes, estou terrivelmente apegado, mas não importa. Isso faz parte da vida. Não me importo de lutar. Não me importo de ter desavenças com todo mundo"? Ora, quando se diz que se está cômico, o que se quer dizer com isso — saber, reconhecer? O pensamento está reconhecendo o apego? Uma pessoa diz: "Sim, tenho apegos" — é a atividade do pensamento que diz: "Tenho apegos"?

Quando se diz: “Tenho apegos”, é isto uma idéia ou um fato? O fato não é a idéia. Este microfone, por exemplo: posso criar uma idéia dele, mas o microfone é um fato. Posso tocá-lo, vê-lo. Portanto, meu apego é um conceito, uma conclusão, ou é um fato? Quando você observa o fato, não a idéia, não a conclusão sobre o fato, mas o próprio fato, ele é diferente de você, que o está observando?

Quando você observa o fato através de uma idéia ou através de uma conclusão transmitida a você por alguém, você não está olhando para o fato. Se você está olhando para ele, não o está verbalizando. Portanto, como você olha para ele? Como para algo separado de você mesmo? É o apego algo diferente de você mesmo, ou é uma parte de você? O microfone é algo à parte de você, mas o apego, a emoção, é parte de você mesmo. O apego é o “eu”. Se não há apego, não há “eu”. Assim, a consciência de suas emoções, de seus apegos, é parte de sua natureza, parte de sua estrutura. Se você olha para você mesmo, não há divisão, não há dualidade como o “eu” e o apego. Há somente apego; não a palavra, mas o fato, o sentimento, a emoção, o desejo de posse no apego. Isso é um fato; isso é “eu”.

Portanto, o que devo fazer com o “eu”? Quando havia divisão entre o “eu” e o apego, eu podia tentar fazer algo a respeito; podia tentar controlá-lo, dizer: “Preciso eliminá-lo” — o que fazemos o tempo todo. Mas se ele é o “eu”, o que posso fazer? Não posso fazer nada; apenas observar. Antes, eu agia sobre ele; agora, não posso agir sobre ele porque ele é o “eu”. Tudo o que me é possível fazer é observar. A observação é que é importante, não o que faço.

Por conseguinte, há a observação e não o “Eu estou observando”. Existe somente a observação. Se nessa observação começo a optar e digo: “Não posso me apegar”, já me desloquei, estou dizendo que ela não é “eu”. Na observação não há escolha, não há direção, há somente observação pura, absoluta e, então, a coisa que está sendo observada dissolve-se. Antes, você resistiu a ela, você a controlou, eliminou-a, agiu sobre ela; mas agora, nessa observação concentra-se toda a

energia. Somente quando há falta dessa energia é que há apego. Quando há observação total, sem nenhuma interferência do pensamento — por que o pensamento deveria intervir? — você está apenas observando, como quando você observa a coisa que você chama de mosca, por exemplo. Observe exatamente, da mesma maneira, suas emoções e apegos: haverá, assim, a concentração de toda a energia nessa observação. Conseqüentemente, não há apego. Somente o obtuso é apegado; somente aqueles que não vêem todas as implicações do apego é que são apegados. Estes permeiam o mundo, eles são o elemento mais forte do mundo e nós somos presas disso. Porém, quando você termina por examiná-lo atentamente, você não é mais sua presa, não mais dissipa energia em algo que não tem significação. Sua energia está agora inteiramente concentrada na observação; portanto, há eliminação total do apego. Experimente-o, faça-o e verá. Você precisa examinar o objeto muito, muito atentamente, a fim de que sua mente esteja completamente lúcida na observação. Somente o desatento salta do penhasco. No momento em que você estiver consciente do perigo, aja. O apego é um perigo porque origina medo, ansiedade, ódio e inveja, o ser possuído e o não ser possuído — sendo isso tudo um grande perigo. E quando você vê esse perigo, há ação.

PALAVRAS

Pergunta: Por que a mente aceita tão depressa respostas triviais a problemas que são profundamente experimentados?

Por que se aceita uma explicação trivial para um problema profundo? Por que as pessoas fiam-se em palavras? Esse é o verdadeiro problema. Por que as palavras tornaram-se tão desmedidamente importantes? Sofre-se, passa-se por grandes aflições e, então, surge alguém, dá explicações e, nessas explicações, busca-se conforto. Existe deus, existe reencarnação, há isto, há aquilo, há outra coisa qualquer. Aceita-se a palavra, a explicação, porque ela conforta; a crença conforta quando há sofrimento ou um estado de ansiedade. As explicações dadas por filósofos, psicólogos, sacerdotes, gurus e professores — é nessas coisas que as pessoas se baseiam para viver; o que significa que se vive numa vida de segunda mão. As pessoas são pessoas de segunda mão e estão satisfeitas. A palavra “deus” é um símbolo. Os símbolos tornam-se extraordinariamente importantes, como a bandeira. Por que a mente faz isso? Lê-se muito sobre o que outras pessoas pensaram, vê-se pela televisão o que está acontecendo. É sempre outrem, alguém lá fora, que diz o que se deve fazer. Com isso, a mente atrofia-se e está-se sempre vivendo uma vida de segunda mão.

Alguém já se perguntou: “Posso ser uma luz para mim mesmo — não a luz de outrem, a luz de Jesus ou de Buda?”

Pode-se ser a luz para si mesmo? Isso quer dizer que não há sombra, pois ser uma luz para si mesmo significa que esta não é apagada por nenhum meio artificial, por circunstância, por tristeza, por acidente. Pode-se ser isso para si mesmo? Sim, mas só quando a mente não é desafiada porque está completamente desperta.

A maioria de nós, entretanto, necessita de desafios, porque a maioria de nós está adormecida — adormecida porque fomos adormecidos por todos os filósofos, por todos os santos, por todos os deuses, sacerdotes e políticos. Adormece-se uma pessoa e ela não sabe que está adormecida: pensa que isso é normal. Um homem que quer ser a luz para si mesmo tem que se libertar disso tudo. Pode-se ser a luz para si mesmo somente quando não há “eu”. Então, essa luz é a luz eterna, perene, imensurável.

“INSIGHT”

Pergunta: *“Insight” não é intuição? O senhor poderia discutir essa súbita clareza que algumas pessoas têm? O que o senhor entende por “insight”? Trata-se de algo momentâneo ou pode ser contínuo?*

Durante as várias palestras já realizadas, o orador tem usado a palavra “insight”. Isso significa ver dentro das coisas, dentro do mecanismo total do pensamento, dentro do mecanismo total, por exemplo, do ciúme. É perceber a natureza da voracidade, ver todo o conteúdo da tristeza. Não é análise, não é exercício da capacidade intelectual, nem o resultado do conhecimento. Conhecimento é aquilo que tem sido acumulado através do passado pela experiência, e é armazenado no cérebro. Não há conhecimento total; portanto, junto ao conhecimento, há sempre ignorância, como dois cavalos atrelados. Se a observação não está baseada no conhecimento, ou na capacidade intelectual ou raciocínio, no estudo e análise, então o que é? É esta toda a questão. Pergunta o consulente: trata-se de intuição? Essa palavra, “intuição”, é, pode-se dizer, uma palavra ardilosa, que muitos usam. A realidade da intuição pode ser o resultado do desejo. Uma pessoa pode desejar algo e, então, após alguns dias, ter uma intuição sobre isso. A pessoa pensa que essa intuição é extraordinariamente importante. Porém, se o caso for tratado com razoável profundidade, pode-se descobrir que ela é baseada no desejo, no medo, ou em várias

formas de prazer. Fica-se então em dúvida quanto a essa palavra, especialmente quando é usada por pessoas um tanto românticas, imaginativas, sentimentais e que buscam algo. Elas certamente teriam intuições, mas estas estariam baseadas em algum desejo obviamente dissimulado. Por isso, ponham de lado, por enquanto, a palavra intuição.

Portanto, o que é *insight*? É perceber algo instantaneamente, algo verdadeiro, lógico, sensato, racional. O *insight* deve operar instantaneamente. Não se trata de se ter um *insight* e não se fazer nada a respeito. Se uma pessoa tem um *insight* dentro da natureza total do pensamento, há uma ação instantânea. Pensar é a resposta da memória. Memória é experiência, conhecimento, armazenados no cérebro. A memória responde: onde você mora? — você responde. Qual é o seu nome? — há uma resposta imediata. O pensamento é o resultado ou a resposta do acúmulo de experiência e de conhecimento, armazenados como memória. O pensamento baseia-se em, ou é produto do conhecimento; o pensamento é limitado porque o conhecimento é limitado. O pensamento não pode jamais incluir tudo; portanto, ele é eternamente restrito, limitado, estreito. Por outro lado, um *insight* significa que há uma ação que não é uma simples repetição do pensamento. Ter um *insight*, digamos, da natureza das organizações, significa que está se observando sem recordações, sem argumentação pró e contra; é somente observar o movimento e a natureza totais da necessidade de organização. Uma pessoa tem um *insight* disso e, a partir daí, ela age. E essa ação é lógica, sensata, saudável. Uma pessoa não pode ter um *insight* e agir de modo oposto; isso não é um *insight*.

Tenham um *insight*, por exemplo, das mágoas e sofrimentos que uma pessoa trouxe de sua infância. Todas as pessoas são magoadas, por várias razões, desde a infância até a morte. Há essa ferida, nelas, psicologicamente. Pois bem, tenha um *insight* da total natureza e estrutura dessa mágoa. Você está magoado, ferido psicologicamente? Você pode ir a um psicólogo, a um analista, a um psicoterapeuta, e ele poderá descobrir porque você está magoado; na sua infância, sua mãe

era assim, seu pai era de outro jeito, e assim por diante, mas não será pela mera investigação da causa que a mágoa será resolvida. Ela está lá. As conseqüências dessa mágoa são o isolamento, o medo, a autodefesa, para evitar que você seja ferido novamente; portanto, há o fechamento em si próprio. Você conhece tudo isso. Esse é o mecanismo da mágoa. A mágoa é a imagem que você criou de você mesmo. Por isso, enquanto essa imagem permanecer, você estará ferido, obviamente. Pois bem, ter um *insight* disso tudo sem análise — percebê-lo instantaneamente — essa própria percepção é *insight*; ela exige toda a sua atenção e energia; nesse *insight* a mágoa é dissolvida. Ele dissolverá sua mágoa completamente, não deixando nenhuma marca; portanto, ninguém jamais poderá feri-lo outra vez. A imagem que você criou de você mesmo não existe mais.

EDUCAÇÃO

Pergunta: *Qual o significado da história na educação dos jovens?*

Quando lemos história, fica bastante claro que o homem tem lutado contra a natureza, conquistando-a, destruindo-a e poluindo-a; o homem tem lutado contra o homem; sempre houve guerras. O homem luta para ser livre e, no entanto, ele se torna escravo de instituições e organizações, das quais, por sua vez, tenta libertar-se, somente para, depois, construir uma outra série de instituições e de organizações. Há uma eterna luta de libertação. A história da humanidade é a história de guerras tribais, de guerras feudais e coloniais, das guerras dos reis e das nações e tudo isso ainda continua; o espírito tribal tornou-se nacional e sofisticado — mas ainda é o espírito tribal. A história do homem inclui sua cultura; é a história do ser humano que tem passado por todas as espécies de sofrimento, por doenças diversas, por guerras, por crenças e dogmas religiosos, perseguição, inquisição, tortura em nome de Deus, da paz, em nome de idéias.

E como deve tudo isso ser ensinado aos jovens? Se essa é a história da humanidade, a história dos seres humanos, nesse caso, tanto os educadores como os jovens são os seres humanos; ela é a sua história, não meramente a história de reis e guerras: é a história deles próprios. Como pode o educador ajudar o estudante a entender a história de si próprio, que é a

história do passado, do qual ele é produto? Essa é a questão. Se você fosse o educador e eu o jovem estudante, como você me ajudaria a entender toda a natureza e estrutura de mim mesmo — eu próprio sendo toda a humanidade; meu cérebro, o resultado de milhões de anos? Está tudo em mim: a violência, a competição, a agressividade, a brutalidade, a crueldade, o medo, o prazer e o contentamento eventual e o sutil perfume do amor. Como me ajudará você a compreender tudo isso? O educador precisa também compreender a si próprio e, então, ajudar o estudante a compreender-se. Portanto, há uma comunicação entre o professor e eu; nesse processo de comunicação ele está compreendendo a si próprio e ajudando-me a entender-me a mim mesmo. Não se trata de o professor ou educador precisar primeiramente compreender a si próprio e depois ensinar — isto tomaria o resto de sua vida, talvez — mas, sim de no relacionamento entre o educador e a pessoa a ser educada haver uma relação de investigação mútua. Pode isso ser feito com a criança pequena ou com o jovem estudante? De que maneira você começaria a fazê-lo? Esse é o problema.

De que maneira você, como pai, o faria; de que maneira ajudaria seu filho a compreender toda a natureza e estrutura da mente dele, de seus desejos, de seus receios — todo o fluir da vida? É um grande problema.

Estaríamos nós preparados, como pais e professores, para produzir uma nova geração de pessoas, pois isso é o que está implícito — uma geração totalmente diferente, com mente e coração totalmente diferentes? Estaremos preparados para isso? Se você é pai, estaria disposto a renunciar, por seus filhos, a bebidas, cigarros, dinheiro — a toda essa cultura baseada em drogas, e ver que tanto você como seu filho são seres humanos bons?

A palavra “bom” significa bem ajustado — psicologicamente, sem nenhum atrito, como uma boa porta, você compreende? Como um bom motor. “Bom” significa, também, inteiro, não quebrado, não fragmentado. Portanto, estaremos preparados para produzir, através da educação, um ser humano bom, um ser humano que não tenha medo — medo de seu

vizinho, medo do futuro, medo de tantas coisas, da doença, da pobreza? Do mesmo modo, estaremos preparados para ajudar a criança e a nós mesmos a termos integridade? A palavra "integridade" também significa ser inteiro e dizer aquilo em que se acredita, e não dizer uma coisa e fazer outra. Integridade implica honestidade. Podemos ser honestos se temos ilusões e ideais românticos, teóricos, e fortes crenças? Podemos ser honestos quanto a uma crença, mas isto não significa integridade. O que se faz é trazer crianças ao mundo, mimá-las até os dois ou três anos de idade, e então prepará-las para a guerra. A história não tem ensinado os seres humanos; quantas mães não têm chorado os filhos mortos na guerra, e, no entanto, somos incapazes de cessar essa monstruosa matança.

Se temos de ensinar os jovens, precisamos ter em nós mesmos um senso de necessidade do que é bom. Ser bom não é um ideal; é ser inteiro, ter integridade, não ter medo, não ser confuso; estes não são ideais: são fatos reais. Podemos ser realistas e, dessa forma, produzir um ser humano bom através da educação? Queremos, realmente, uma cultura diferente, um ser humano diferente, com mente clara, que não tenha medo, que tenha essa qualidade de integridade?

CONHECIMENTO

Pergunta: *Por que o conhecimento, como o senhor disse, é sempre incompleto? Quando uma pessoa está observando, ela está consciente de que está observando ou está somente consciente da coisa que está sendo observada? A consciência leva à análise? O que é conhecimento psicológico?*

Quem você espera que responda a essas perguntas: o Oráculo de Delfos, o mais ilustre sacerdote, os astrólogos, os adivinhos, os leitores de folhas de chá? Quem você espera que responda a estas perguntas? Já que você as fez, podemos discuti-las juntos. Não que eu, a pessoa que fala, irá respondê-las e você então as aceitará ou nega-las-á e irá embora insatisfeito, dizendo: "Desperdicei minha manhã". Se pudéssemos discutir seriamente essas questões, de tal maneira que ambos penetrássemos no problema, você teria sua própria resposta e não a resposta de alguém que você ouviu responder a essas questões. Você pode falar a respeito de câncer e não tê-lo; mas se você o tem, está envolvido nele, em sua dor, ansiedade e medo.

Por que o conhecimento é sempre incompleto? O que é o conhecimento e o que queremos dizer quando afirmamos "Eu sei?" Você pode dizer: "Conheço minha esposa, meu marido, meu namorado ou namorada". Você realmente os conhece? Você pode conhecê-los? Não tem você uma imagem deles? A imagem é o fato? Portanto, conhecer é muito limitado. O conhecimento científico também é limitado; os

cientistas estão tentando descobrir o que há além da matéria; embora tenham acumulado uma boa quantidade de conhecimento, eles não têm conseguido ir tão longe. Conhecimento e ignorância caminham sempre juntos — o desconhecido e o conhecido. Os cientistas dizem: através da matéria acharemos o que pode estar mais além. Mas nós, seres humanos, somos matéria. Nossas mentes são matéria. Por que não as investigamos? Pois, se a mente pode examinar a si mesma detidamente, a possibilidade de ela captar aquilo que é a origem de todas as coisas não é muito mais provável?

O conhecimento de si mesmo é também limitado. Se procuro conhecer a mim mesmo, posso estudar psicologia, posso discutir com psicólogos, psicanalistas, psicoterapeutas, psicobiólogos. Porém, esse conhecimento é sempre limitado. Se eu penetrar nessa entidade chamada “eu”, então haverá uma possibilidade de ir infinitamente mais longe. Isso é algo muito importante, sem o que a vida tem muito pouco significado, a não ser o de ciclo de prazer e dor, recompensa e punição — o padrão segundo o qual vivemos. Esse conhecimento psicológico que adquirimos criou os padrões nos quais fomos capturados. Conhecimento, quer seja fisiológico, quer seja psicológico, deve ser sempre limitado.

Quando uma pessoa está observando, ela está consciente de que está observando ou está somente consciente da coisa observada? A consciência leva à análise? O que quer dizer observar? Existe a observação visual externa — a observação de uma árvore, por exemplo — e também a observação interna. Há a audição externa, com os ouvidos, e também a audição interna.

Quando observamos, observamos realmente ou observamos com a palavra? Isto é: observo a coisa a que chamamos árvore e digo “árvore”. Nesse caso, estou observando com a palavra. Podemos descobrir se é possível observar sem a palavra? — pois a palavra tornou-se mais importante que o ver. O marido observa a mulher, ou a mulher o marido, com toda a memória, imagens, sensações e irritações. Eles nunca observam diretamente.

Podemos observar uma pessoa com a qual vivemos intimamente sem a imagem, sem a idéia? Talvez sejamos capazes de perceber a coisa a que chamamos árvore, sem a palavra. Isto é bastante fácil, se você já tentou fazê-lo. Entretanto, observar a pessoa com a qual você vive sem ativar a memória que você tem dessa pessoa, não é fácil.

A observação, através da imagem, através da memória acumulada, não é relacionamento de forma alguma. É o relacionamento de uma imagem com outra imagem, e é a isso que chamamos relacionamento. Se você o examinar atentamente, porém, perceberá que não é um relacionamento; é a idéia de um em oposição à idéia de outro.

Portanto, podemos observar sem fazer uma abstração ou idéia do que observamos? Isto é o que se entende por conhecimento psicológico; eu construo, psicologicamente, um conhecimento bastante razoável sobre minha mulher, correto ou incorreto, dependendo de minha sensibilidade, dependendo de minha ambição, avareza, inveja, dependendo de minha atividade centrada em meu próprio eu. Esse conhecimento está impedindo a verdadeira observação da pessoa como ela é. Eu nunca quero encontrá-la porque tenho medo. É muito mais seguro ter uma imagem dessa pessoa do que vê-la como ela é. Meu conhecimento psicológico impede a observação pura. É possível me libertar disso? Colocar um fim aos mecanismos que constroem essas imagens? Tenho imagens de minha mulher, elas estão aqui: isso é um fato terrível, como uma pedra amarrada ao meu pescoço. De que maneira posso jogá-la fora? É a pedra, a imagem amarrada a mim, distinta do observador? É essa imagem, esse peso em volta do meu pescoço, diferente do observador que diz "Eu tenho estas imagens"? É o observador que diz "Eu tenho estas imagens. Como devo fazer para livrar-me delas?" diferente das imagens que ele observa? Obviamente não.

Portanto, o observador é o criador de imagens; ele cria essas imagens e, depois, separa-as de si próprio, dizendo: "O que devo fazer com elas?" Assim é que vivemos, esse é o padrão de nossas ações, o condicionamento ao qual estamos

acostumados, de maneira que o aceitamos naturalmente. Porém, estamos falando de algo inteiramente diferente, que é: o observador é o observado.

Temos que investigar o que o observador é. Ele é o resultado de todas as suas experiências; ele é o seu conhecimento, suas lembranças, seus receios, ansiedades dele mesmo — o passado. O observador está sempre vivendo no passado; embora se modificando todo o tempo para encontrar o presente, ele ainda está enraizado no passado. Há o movimento do tempo, o passado transformando-se no presente e caminhando para o futuro. Este é o “momentum” psicológico ou o movimento do tempo.

Quando observamos, estamos observando através da imagem que criamos de alguma coisa ou de alguma pessoa. Podemos observar a coisa ou pessoa sem essa imagem? Isso significa: pode o observador estar ausente da observação? Quando olhamos para uma pessoa que conhecemos muito intimamente, nasce a imagem; quanto mais intimamente nós a conhecermos, mais definida é a imagem. Podemos olhar para essa pessoa sem a imagem? O que quer dizer: podemos olhar para essa pessoa sem o observador? Essa é a observação pura.

Essa consciência leva à análise? Obviamente, não. O que queremos dizer com a palavra análise e quem está analisando? Suponham que eu esteja analisando a mim mesmo; quem está analisando? Aquele que analisa é diferente de mim? Evidentemente, não.

Estamos eliminando a própria estrutura do conflito entre os seres humanos; o conflito que existe enquanto há divisão. É a divisão em mim mesmo que cria a divisão externa. Há uma divisão em mim mesmo se eu digo, por exemplo, que sou hindu. A identificação com a imagem de ser hindu me dá segurança. Portanto, eu me prendo a isso, o que é absurdo, pois não há segurança numa imagem. O mulçumano, o árabe e o judeu fazem o mesmo. E então nos atracamos uns com os outros.

Quando o observador, psicologicamente, é o observado,

não há conflito porque não há divisão. Vejam isso claramente: nossas mentes foram treinadas e educadas para haver esta divisão; “eu” e a coisa observada somos distintos — minha ira e meu ciúme são diferentes de mim; portanto, preciso fazer algo a respeito deles, controlá-los, eliminá-los, superá-los, agir sobre eles. Mas quando a ira e o ciúme são “eu”, o que acontece? Há a eliminação do conflito. O padrão foi quebrado. O padrão, que é o condicionamento de minha mente, foi rompido. É o fim de alguma coisa e o começo de outra. Se o padrão é quebrado e a luta termina, o que, então, acontece? Um novo fluir, um novo movimento toma lugar.

Você pode observar uma árvore e a palavra “árvore” interfere; no momento em que você a vê, você diz: “Eis uma árvore”, ou uma borboleta, uma corça, ou a montanha ou o rio; há uma reação imediata. Essa reação pode ser observada e, talvez, posta de lado para que haja somente a observação da árvore, a beleza de suas linhas, sua graça, sua qualidade. Agora, faço o mesmo com a pessoa com quem você tem vivido, com quem você tem tido intimidade — observe sem uma única imagem dessa pessoa. Dessa forma o relacionamento é algo extraordinário.

Suponham que uma esposa não tenha uma imagem de seu marido; o que é, então, o relacionamento para o marido? O marido é violento, a esposa não. Haverá qualquer relacionamento — exceto, talvez, através dos sentidos, sexualmente — haverá qualquer relacionamento? Obviamente não, mas eles estão vivendo na mesma casa. Portanto, o que fará o marido? Antes de mais nada, esse é um modo de vida dos mais extraordinários, no qual pode haver, talvez, um amor real, profundo. A esposa não tem imagens do marido, mas ele tem imagens, idéias, acumulando-se o tempo todo. Eles estão vivendo na mesma casa. O que acontece? Ela é livre, ele não. Ele quer que ela tenha uma imagem dele, porque está acostumado a isso. Assim, prossegue um relacionamento

dos mais destrutivos, até que ela diz: “Basta”. Ela se divorcia dele, deixa-o? Talvez uma atmosfera totalmente diferente tenha sido criada na casa, já que ela não tem imagens dele. Ele está começando a aperceber-se disso porque ela está imóvel — vocês compreendem? — enquanto ele está mudando continuamente. Quando ele se depara com algo que está imóvel, alguma coisa lhe acontece.

DOR

Pergunta: O pensamento nasce como uma defesa contra a dor? A criança começa a pensar para isolar-se da dor física. O pensamento – conhecimento psicológico – é o resultado da dor, ou a dor é o resultado do pensamento? Como superar as defesas desenvolvidas na infância?

Espete um alfinete numa perna e haverá dor; então, fica-se ansioso para que a dor termine. Esse é o “momentum” do pensamento, a reação nervosa; a seguir, vem a identificação com essa reação, e a pessoa diz: “Espero que ela termine e que eu não a tenha no futuro”. Tudo isso é parte do “momentum” do pensamento. O medo é parte da dor: haverá medo sem pensamento?

Você já tentou dissociar o pensamento da dor? Sente-se numa cadeira de dentista por algum tempo e observe as coisas acontecerem; sua mente deve observar sem identificar-se. Você pode fazer isso. Eu me sentei na cadeira do dentista durante quatro horas; nem um pensamento sequer veio à minha mente.

Como superar as defesas cultivadas na infância? Ir a um psicanalista? Pode-se pensar que esse é o modo mais fácil e que ele curará todos os problemas oriundos da infância. Ele não pode fazer isso. Poderá modificá-los ligeiramente. Assim, o que se deve fazer? Não há ninguém a quem recorrer. Pode-

mos encarar tal fato? Não há ninguém. Você já encarou, alguma vez, o fato de não haver ninguém a quem recorrer? Se uma pessoa tem câncer, ela pode ir ao médico — isso é diferente do conhecimento psicológico que ela desenvolveu durante a infância, o que a torna neurótica; e a maioria das pessoas é neurótica.

O que devemos fazer? Como saber, num mundo que é de certa forma neurótico, no qual todos os amigos e parentes são ligeiramente desequilibrados, que também se é desequilibrado? Não se pode recorrer a ninguém; portanto, o que acontece na mente de uma pessoa, agora que ela não depende mais de outras, de livros, de psicólogos, de autoridades? O que aconteceu à mente de uma pessoa, se ela compreende realmente que não tem possibilidade de recorrer a ninguém? A neurose é o resultado da dependência. A gente depende da esposa, do médico; a gente depende de Deus ou dos psicólogos. Estabelece uma série de dependências à nossa volta, esperando que nessas dependências estaremos seguros. E quando descobrimos que não podemos depender de ninguém, o que acontece? Produz-se em nós uma tremenda revolução psicológica, que, geralmente, não queremos enfrentar. Uma pessoa depende da esposa; ela o encoraja a depender dela; e vice-versa. Isso é parte de sua neurose. Não se joga isso fora, a gente o examina. Podemos nos livrar disso, não depender da esposa — psicologicamente, é claro? Não faremos isso porque estamos amedrontados; queremos algo dela, sexo, ou isto, ou aquilo. Ou ela nos encoraja com suas idéias, nos ajuda a dominar, a ser ambicioso, ou diz que você é um filósofo maravilhoso.

Mas veja que o próprio estado de dependência de outro pode ser a causa de uma neurose psicológica profunda. Quando se quebra esse padrão, o que acontece? A pessoa sara! Precisamos estar sãos para descobrir o que é a verdade. A dependência veio da infância, tem sido um fator contra a dor, a mágoa,

um fator de conforto, de sustentação e de encorajamento emocional — tudo isso vai se desenvolvendo dentro de nós, e nós somos parte disso. Essa mente condicionada nunca poderá descobrir o que é a verdade. Não depender de nada significa que estamos sozinhos, inteiros, íntegros — isso é saúde, saúde que produz racionalidade, clareza, integridade.

VERDADE

Pergunta: *Atualmente, existe a suposição geral de que tudo é relativo, de que tudo é uma questão de opinião pessoal, de que não há essa coisa que chamamos de verdade, esse fato independente da percepção individual. Qual seria a resposta inteligente para essa crença?*

É por que somos todos individualistas que o que eu vejo, que o que você vê, é a verdade única? Que minha opinião e sua opinião são os únicos fatos que temos? Isso é que está implicando na pergunta: que tudo é relativo; a bondade é relativa, o mal é relativo, o amor é relativo. Se tudo é relativo (isto é, não a verdade total, completa), então nossas ações, nossas afeições, nossas relações pessoais são relativas; elas podem deixar de existir quando quisermos, quando não nos agradarem mais.

Haverá essa coisa chamada verdade? Essa pergunta foi feita na antigüidade pelos gregos, pelos hindus e pelos budistas. Um dos fatos estranhos das religiões orientais é esse de a dúvida ter sido encorajada — duvidar, questionar — enquanto na religião do Ocidente ela foi eliminada e chamada de heresia.

Devemos descobrir por nós mesmos, à parte as opiniões pessoais, percepções, experiências, sempre relativas, se há uma percepção, um modo de ver absolutamente verdadeiro e não relativo. Como se pode descobri-lo? Se dizemos que

opiniões e percepções pessoais são relativas, então não existe essa verdade absoluta; tudo é relativo. Conseqüentemente, nosso comportamento, nossa conduta, nosso modo de vida é relativo, casual, não-completo, não-total, fragmentário.

Como poderíamos descobrir se existe essa verdade absoluta, completa, que permanece inalterada no clima de nossas opiniões pessoais? Como a nossa mente, o nosso intelecto, o nosso pensamento descobre isso? Estamos indagando sobre algo que requer uma boa quantidade de investigação, uma ação na vida diária, uma separação do que é falso — que é o único modo de proceder.

Se temos uma ilusão, uma fantasia, uma imagem, um conceito romântico sobre a verdade ou o amor, então essa é a própria barreira que a impede de ir adiante. De que maneira surge a ilusão? Qual é sua fonte? Não significaria isso estar jogando com algo que não é real?

O real é o que está acontecendo, seja ele o que podemos chamar de bom, de mau ou de indiferente; isso é o que está realmente acontecendo. Quando somos incapazes de enfrentar o que está realmente acontecendo conosco, criamos ilusões para fugir a isso. Se relutamos em enfrentar, ou temos medo de enfrentar o que realmente está acontecendo, essa fuga cria uma ilusão, uma fantasia, um movimento romântico, para longe “daquilo que é”. Essa palavra “ilusão” implica o mover-se para longe “daquilo que é”.

Podemos evitar esse movimento, essa fuga da realidade? O que é o real? O real é o que está acontecendo, inclusive as respostas, as idéias, as crenças e opiniões que se tem. Enfrentá-las não é criar ilusão.

Ilusões podem acontecer somente quando há um movimento para longe do fato, para longe do que está acontecendo, do que realmente é. Compreendendo o que é, não é somente a opinião pessoal que julga, mas a observação real. Não podemos observar o que está realmente acontecendo se a nossa crença ou condicionamento restringe a observação; então há a fuga da compreensão do que é.

Se pudéssemos observar o que está realmente acontecen-

do, então haveria uma completa fuga de qualquer forma de ilusão. Pode-se fazer isso? Pode-se realmente observar a própria dependência; tanto a dependência em relação a uma pessoa, a uma crença, a um ideal, ou a alguma experiência que a tenha excitado bastante? Essa dependência inevitavelmente cria ilusão.

Portanto, uma mente que não cria mais ilusão, que não faz hipóteses, que não tem alucinações, que não quer agarrar-se a uma experiência daquilo a que chamamos de verdade, agora pôs ordem em si mesma. Ela tem ordem. Não há a confusão produzida por ilusões, por desilusões, alucinações; a mente perdeu sua capacidade de criar ilusões. Então, o que é verdade? Os astrofísicos, os cientistas, estão usando o pensamento para investigar o mundo material à sua volta; eles estão indo além do físico, além, mas sempre movendo-se para fora. Mas, se nos movermos para dentro, veremos que o “eu” também é matéria. E o pensamento é matéria. Se pudermos caminhar para dentro, movendo-nos de um fato para outro, então começaremos a descobrir o que está além da matéria. Então essa tal de verdade absoluta existe, se examinarmos profundamente esse assunto.

VIOLÊNCIA

Pergunta: Como podemos nos responsabilizar pelo que está acontecendo no mundo, enquanto continuamos a viver nossa vida diária? Como agir acertadamente com relação à violência e quando tivermos de enfrentar a violência?

O que está acontecendo no mundo exterior é diferente do que está acontecendo dentro de nós? No mundo há violência, uma agitação extraordinária, crise após crise. Há guerras, divisão de nacionalidades, diferenças religiosas, diferenças raciais e comunitárias, uma série de conceitos sistematizados contra outros. Isso é diferente do que está acontecendo dentro de nós? Também somos violentos, também somos cheios de vaidade, terrivelmente desonestos e usamos diferentes máscaras para diferentes ocasiões.

Trata-se, portanto, de um único movimento, como a maré que vem e que vai. Nós, seres humanos, é que criamos o que está acontecendo lá fora e que possivelmente não pode ser mudado, a menos que nós, seres humanos, mudemos. Esta é a raiz de tudo. Nós queremos fazer algo no mundo, ter instituições melhores, governos melhores, etc., mas nunca dizemos que nós é que criamos isso. A não ser que mudemos, nada irá mudar. Depois dos milhares de anos que vivemos, somos exatamente os mesmos. Nós não mudamos fundamentalmente e continuamos a causar estragos no mundo.

O fato é que nós somos o mundo; não como uma idéia, mas na realidade. Você percebe a diferença entre idéia e realidade? Temos ouvido a afirmação de que nós somos o mundo, e fazemos uma idéia, uma abstração disso. E então discutimos essa idéia, para saber se ela é verdadeira ou falsa e perde-se o ponto. Mas o fato é que nós somos o mundo; essa é a verdade.

Portanto, nós somos responsáveis pela sua mudança. Isso significa que somos responsáveis, completamente, pelo modo como vivemos nossa vida diária. Não tentar modificar o caos que aí está, enfeitá-lo, ou unir-se a este ou àquele grupo ou instituição, mas como um ser humano, que é o mundo, passar por uma radical transformação de nós mesmos; do contrário, não pode haver uma sociedade boa.

A maioria de nós acha difícil mudar, deixar de fumar, por exemplo. Há instituições que ajudam as pessoas a não fumar! Veja como dependemos de instituições. Portanto, podemos descobrir por que não mudamos, por que quando vemos algo errado — “errado” entre aspas — por que não lhe pomos um fim imediatamente? Será por que esperamos que alguém ponha ordem no mundo, para então aderirmos confortavelmente? Será por que somos indolentes, psicologicamente preguiçosos, ineptos?

Quantos anos perdemos para adquirir certas técnicas, indo à escola, ao colégio, à universidade, doutorando-nos? No entanto, não perdemos um dia para fazer uma mudança em nós mesmos.

Portanto, é nossa responsabilidade fazer uma mudança radical em nós mesmos, pois somos o resto da humanidade.

A pergunta a seguir é: como agir acertadamente com relação à violência e quando tivermos de enfrentar a violência? Violência é ira, ódio, conformidade, imitação, obediência. A negação de tudo o que se opõe a isso. É possível nos libertarmos da violência que é parte de nossa vida, herdada, provavelmente do animal — não nos libertarmos relativamente, mas completamente? Isso significa ficar livre da ira; significa não só ficar livre da ira, mas não ter nenhuma ira no pensa-

mento. Ou ser livre da conformidade, não da conformidade externa, mas da conformidade através da comparação. Estamos sempre comparando, psicologicamente: eu era, eu serei, ou eu sou algo. Uma mente que está sempre comparando, julgando, é agressiva. Se a mente está livre da imitação, da conformidade e da comparação, então poderá agir acertadamente.

Pode a mente ser absolutamente livre de toda a violência? Se pode, então, quando ela se depara com a violência, qual é a sua resposta? Se uma pessoa se depara com a violência, face a face, o que acontece? Pode ela julgar o que irá fazer quando a encontrar? O cérebro, quando se depara com a violência, passa por uma rápida transformação química; ele reage muito mais rápido do que o soco. O corpo inteiro da pessoa reage, e há uma resposta imediata; podemos não revidar, mas a própria presença da ira ou do ódio provoca essa resposta e há ação.

Na presença de uma pessoa que está com raiva, veja o que acontece se se está cômico disso e não revidamos a isso. No momento em que nos conscientizamos da raiva de outra pessoa e não reagimos, há uma resposta muito diferente. O nosso instinto é responder ao ódio com o ódio, à ira com a ira; há o fluxo químico que cria no sistema as reações nervosas; mas aquiete tudo isso na presença da ira, e uma ação diferente ocorrerá.

ESPERANÇA

Pergunta: A esperança de que o amanhã resolverá nossos problemas, impede-nos de ver a absoluta necessidade de mudança. Que fazer, neste caso?

O que você quer dizer com futuro? O que é o futuro? Se uma pessoa está desesperadamente doente, o amanhã tem sentido; ela pode curar-se amanhã. Portanto, a pergunta que se tem de fazer é: o que é este sentido do futuro? Nós conhecemos o passado; nós vivemos no passado, que é o movimento oposto; e o passado, passando pelo presente, modificando-o, move-se em direção ao que chamamos de futuro.

Antes de mais nada, estamos cômicos de que vivemos no passado — o passado que está sempre se modificando, ajustando-se, ampliando-se, contrariando-se, mas ainda é o passado — experiência passada, conhecimento passado, compreensão passada, deleite passado, o prazer que se tornou passado?

O futuro é o passado, modificado. Portanto, nossa esperança no futuro é ainda o passado movendo-se em direção àquilo que consideramos como sendo o futuro. A mente nunca se move para fora do passado. O futuro é sempre a mente agindo, vivendo, pensando, no passado.

O que é o passado? É a herança racial de uma pessoa, o seu condicionamento como hindu, budista, cristão, católico, americano, e assim por diante. É a educação que ela recebeu, as experiências que teve, as feridas, os prazeres, as recordações.

Isso é o passado. Isso é sua consciência. Pode a consciência, com todo o seu conteúdo de crença, esperança, medo, desejo e ilusão, deixar de existir? Por exemplo; pode alguém fazer cessar, esta manhã, completamente, a sua dependência em relação a outrem? A dependência é parte da nossa consciência. No momento em que ela acaba, algo novo começa, obviamente. Mas ninguém termina completamente com nada, e esse não-fim é a sua esperança. Pode alguém ver e fazer cessar essa dependência e suas conseqüências, psicologicamente, internamente? Veja o que significa depender e a ação imediata que sucede a seu término.

Agora, deve o conteúdo da consciência de uma pessoa libertar-se aos poucos? Isto é, libertar-se da ira, depois libertar-se do ciúme, cada coisa por vez? Isso iria demorar muito. Ou poderia a coisa ser feita instantaneamente, imediatamente? Pois tomar os ingredientes de nossa consciência e dar-lhes um fim, um a um, levará muitos anos, talvez a vida toda. É possível ver o conteúdo todo e dar-lhe um fim — o que é bastante simples, se a pessoa o faz? Mas nossa mente está tão condicionada que admitimos ser o tempo um fator em mudança.

VIDA

Pergunta: *O que significa ver a totalidade de algo? É possível, de algum modo, perceber a totalidade de algo que se move?*

Podemos ver completamente a totalidade de nossa consciência? É claro que sim. Nossa consciência é constituída de todo o seu conteúdo: o seu ciúme, nacionalidade, crenças, experiências, e assim por diante; isso tudo é o conteúdo dessa coisa chamada consciência, e a essência do que é o “eu”. Certo? Ver isto integralmente significa dar-lhe uma atenção total. Mas raramente damos uma atenção total a qualquer coisa que seja. Se dermos uma atenção total à nossa essência, ao nosso “eu”, seremos o todo.

O consulente também pergunta, o que é interessante: “É possível perceber a totalidade de algo que se move”? O “eu” se move? O conteúdo de nossa consciência se move? Ele se move dentro dos limites de si mesmo.

O que se move na consciência — o apego ou o medo do que poderia acontecer se não se está apegado? A consciência move-se dentro de seu próprio raio, dentro dos limites de sua própria área. Isso nós podemos observar. O conteúdo de nossa consciência está vivo? Nossas idéias, crenças, estão vivas? O que é vida?

Agora, a recordação de uma experiência passada está viva? A lembrança, não o fato; o fato acabou. No entanto, chamamos de vivo o mecanismo da recordação. A experiência que acabou é lembrada, e essa lembrança é chamada de "viva". Isso pode ser observado; mas não o que acabou. Portanto, o que chamamos de vivo é o que aconteceu e acabou. O que acabou está morto; por isso é que a mente das pessoas está tão morta. Essa é a tragédia de nossas vidas.

FATOS

Pergunta: *Haverá um estado que não tenha um oposto? E podemos conhecê-lo e nos comunicar com ele?*

Haverá opostos, exceto opostos tais como homem, mulher, trevas, luz, alto, baixo, noite e dia? Haverá um oposto da bondade? Se há um oposto, ele não é bom. Percebem isso? Se a bondade tem um oposto, ela deve nascer desse oposto. O que é um oposto? Cultivamos os opostos, e dizemos que bom é o oposto de mau. Agora, se eles têm alguma relação entre si, ou são a consequência um do outro, então o bom também tem origem no mau. Portanto, haverá o oposto, afinal? Existe a violência; o pensamento criou a não-violência, seu oposto, que é um não-fato; mas o fim da violência é um estado bem diferente da não-violência.

A mente criou o oposto tanto para fugir da ação como para suprimir a violência. Toda essa atividade é parte da violência. Mas se estamos preocupados apenas com fatos, então os fatos não têm opostos. Sentimos ódio; nossa mente, nosso pensamento, e a sociedade, dizem que não devemos odiar, o que é o oposto. Os opostos nascem um do outro. Portanto, há somente o ódio, e não o seu oposto. Se observarmos o fato do ódio e todas as respostas a esse fato, por que deveria haver um oposto? O oposto é criado pelo pensamento, que leva a

uma luta constante entre ódio e não-ódio, entre fato e pensamento. Como podemos nos livrar do ódio? Se somente o fato permanece, e não o seu oposto, então teremos energia de encará-lo. Temos energia para não fazer nada a esse respeito, e o próprio fato desaparece.

CRIATIVIDADE

Pergunta: O que é a verdadeira criatividade e em que ela difere do que é considerado criatividade na cultura popular?

O que geralmente chamamos de criatividade é o que é feito pelo homem — pintura, música, literatura, romântica e factual, toda a arquitetura e as maravilhas da tecnologia. E os pintores, os escritores, os poetas, provavelmente consideram-se criativos. Todos nós parecemos concordar com essa idéia popular de uma pessoa criativa. Muitas coisas feitas pelo homem são muito belas: as grandes catedrais, templos e mesquitas; algumas delas são extraordinariamente belas e nós não sabemos nada das pessoas que as construíram. Mas agora, entre nós, o anonimato quase que desapareceu. Com o anonimato, há uma espécie diferente de criatividade, não baseada no sucesso, no dinheiro — vinte e oito milhões de livros vendidos em dez anos!

O anonimato tem grande importância; há nele uma qualidade diferente; o motivo pessoal, a atitude pessoal e a opinião pessoal não existem; há a sensação de liberdade da qual nasce a ação.

Mas a maior parte da criatividade feita pelo homem, como o chamamos, surge do conhecido. Os grandes músicos, Beethoven, Bach e outros, agiram a partir do conhecido. Os escritores e os filósofos leram e acumularam; embora tenham desenvolvido seu próprio estilo, eles estiveram sempre se movendo, agindo ou escrevendo a partir do que eles acumula-

ram — o conhecido. E a isto geralmente chamamos criatividade.

Isso é realmente criativo? Ou há uma espécie diferente de criatividade que nasce livre do conhecido? Porque quando pintamos, escrevemos ou criamos uma estrutura maravilhosa a partir de uma pedra, fazemo-lo baseados no conhecimento trazido do passado para o presente. Agora, haverá uma criatividade totalmente diferente da atividade a que geralmente chamamos criatividade?

Haverá uma maneira de viver, haverá um movimento, que não parta do conhecido? Isto é, haverá uma criação da mente que não esteja tão carregada de todo o tumulto da vida, de todas as pressões econômicas e sociais? Haverá uma criação da mente que se tenha livrado do conhecido?

Geralmente começamos com o conhecido e a partir dele criamos; mas haverá um impulso criativo ou um movimento que possa usar o conhecido, mas não inverso? Nesse estado de espírito, a criação, tal como a conhecemos, pode não ser necessária.

Por acaso, a criatividade é algo totalmente diferente, algo que todos nós possamos ter — e não somente o especialista, o profissional, o talentoso, o bem-dotado? Penso que todos nós podemos ter essa mente extraordinária, realmente livre dos fardos que o homem se impôs. Dessa mente sã, racional, saudável, surge algo totalmente diferente que pode não se expressar necessariamente como pintura, literatura ou arquitetura. Por que deveria fazê-lo? Se você pensar nisso profundamente, descobrirá que há um estado de espírito que, na realidade, não tem qualquer experiência. A experiência implica uma mente, que ainda está tateando, perguntando, procurando e, portanto, lutando no escuro e querendo ir além de si mesma.

Haverá uma resposta total e completa à pergunta se dedicarmos nossas mentes e corações a ela; há uma criatividade que não é feita pelo homem. Se a mente é extraordinariamente lúcida, sem uma sombra de conflito, então ela está realmente num estado de criação; ela não necessita de expressão, de realização, de publicidade e absurdos que tais.

AÇÃO

Pergunta: *O senhor disse que no próprio ato de ver há ação.
Essa ação é o mesmo que a expressão da ação?*

No próprio ato de observação há ação. Observe a avareza, sem nenhuma distorção, sem motivo, sem dizer “Preciso ir além dela” — observe somente o mecanismo da avareza. Essa observação vê todo o seu mecanismo; não somente uma forma particular de avareza, mas todo o mecanismo da avareza.

Se, observando a avareza, ou o ódio, a violência ou o que quer que seja, a observação é completamente não-diretiva, então não há nenhum intervalo entre ver e agir. Embora normalmente existam esses intervalos — primeiro ver, depois concluir e extrair uma idéia, e então executar essa idéia, existe aí um intervalo entre o surgimento das idéias e o agir de acordo com essas idéias. É nesse intervalo de tempo que surgem todos os tipos de problemas, embora o ver é o próprio ato de fazer cessar a avareza.

Agora, o consulente pergunta: “Esta ação é o mesmo que a expressão da ação?” Isto é, você vê uma serpente, uma cobra. Há a expressão instantânea de autopreservação, que é natural; o instinto de autopreservação é imediato: fugir ou fazer algo a respeito. Aí o ver expressou-se na ação física. Mas estamos falando a respeito da observação com toda a nossa mente, não observando parcialmente, como costumamos fazer; estar tão atento que a mente toda estará dando

uma atenção completa. Essa atenção implica na não existência de um centro a partir do qual você está atento. Quando você se concentra, você o faz de um centro, de um ponto; trata-se, portanto, de algo limitado, restrito, estreito; enquanto a atenção não tem centro, tudo na sua mente está vivo, atento. Então você descobre que não existe um ponto a partir do qual você está atento; nessa atenção não há fronteira, enquanto que na concentração há fronteira.

IMAGENS

Pergunta: Para fazer cessar a produção de imagens o pensamento também deve terminar? Uma coisa implica necessariamente a outra? O fim da produção de imagens é realmente a base a partir da qual podemos começar a descobrir o que são o amor e a verdade? Ou esse fim é a própria essência da verdade e do amor?

Vivemos pelas imagens criadas pela mente, pelo pensamento. Essas imagens são continuamente somadas e subtraídas. Você tem sua própria imagem de si mesmo; se você é um escritor, você tem uma imagem de si mesmo ou de si mesma. Isso começa desde a infância, através da comparação, através da sugestão, quando lhe dizem que você deve ser bom como o seu amigo, ou o que você não deve fazer, ou o que você deve fazer; assim, gradualmente, esse processo se acumula. E nos nossos relacionamentos, pessoais ou não, sempre haverá uma imagem. E enquanto existir essa imagem, você estará passível de ser ou magoad^o, ou machucado ou ferido. E essa imagem impede que haja qualquer relacionamento real com o outro.

Agora o consulente pergunta: Isso pode, de algum modo, acabar, ou se trata de algo com que temos de viver eternamente? E pergunta ainda: No próprio ato de acabar com a imagem, o pensamento acaba? Eles estão inter-relacionados, a imagem e o pensamento? Quando a máquina de fazer

imagens pára, isso é a própria essência do amor e da verdade?

Você, alguma vez fez realmente cessar uma imagem — de propósito, sem dificuldade, sem nenhuma compulsão, sem nenhum motivo? Não, “Eu preciso fazer cessar a imagem que tenho de mim mesmo, eu não serei magoado”. Tome uma imagem e examine-a; examinando-a, você descobrirá todo o mecanismo da produção de imagens. Nessa imagem você começa a descobrir que há medo, ansiedade; há uma sensação de isolamento; e se você está amedrontado, você diz; “É melhor ficar com algo que eu conheço do que com algo que eu não conheço”. Mas se você a examina séria e profundamente, você indaga quem ou o que produz essa imagem, não uma imagem em particular, mas a produção da imagem como um todo. Seria isso um pensamento? Seria isso uma resposta natural, uma reação natural para proteger a si próprio física e psicologicamente? Podemos entender a resposta natural à proteção física: como adquirir comida, abrigo, roupas, evitar ser atropelado por um ônibus, e assim por diante. Essa é uma resposta natural, saudável, inteligente. Nela não há nenhuma imagem. Mas psicologicamente, internamente, criamos essa imagem, que é a consequência de uma série de incidentes, acidentes, mágoas, irritações.

Seria produção psicológica de imagens o mecanismo do pensamento? Sabemos que o pensamento não está envolvido, talvez num alto grau, na reação física de autoproteção. Mas a produção psicológica de imagens é o resultado da constante desatenção que é a própria essência do pensamento. O pensamento em si é desatento. A atenção não tem centro, não tem um ponto a partir do qual possa ir para outro ponto, como acontece na concentração. Quando há atenção total não há movimento do pensamento. Só na mente desatenta é que surge o pensamento.

Pensamento é matéria; o pensamento é o resultado da memória; a memória é o resultado da experiência, e essa, necessariamente, tem de ser limitada, parcial. Memória e conhecimento nunca poderão ser completos; são sempre parciais e, portanto, desatentos.

Portanto, quando há atenção, não há produção de imagens, não há conflito; você vê o fato. Se quando você me insulta ou me lisonjeia eu estou completamente atento, então isso não quer dizer nada. Mas no momento em que não estou prestando atenção, o pensamento, que por si mesmo é desatento, toma conta e cria a imagem.

Agora o consulente pergunta: o cessamento da imagem é a essência da verdade e do amor? Não exatamente. O desejo é amor? O prazer é amor? A maior parte de nossas vidas está dirigida para o prazer em diferentes formas, e quando esse mecanismo de prazer, sexo, etc., se instaura, chamamos a isso de amor. Pode haver amor quando há conflito, quando a mente está incapacitada por problemas, problemas de céu, problemas de meditação, problemas entre o homem e a mulher? Quando a mente está vivendo problemas, como acontece com a maioria de nossas mentes, pode haver amor?

Pode haver amor quando há grande sofrimento, tanto psicológico como fisiológico? Seria acaso a verdade uma questão de conclusão, uma questão de opinião, de filósofos, de teólogos, daqueles que acreditam tão profundamente em dogmas e rituais, todos feitos pelo homem? Pode uma mente tão condicionada saber o que é a verdade? A verdade só pode existir quando a mente está completamente livre de toda essa confusão. Os filósofos, e outros, nunca olham para suas próprias vidas; eles se mudam para algum mundo metafísico ou psicológico, sobre o qual começam a escrever e a fazer publicações e se tornam famosos. A verdade é algo que exige uma extraordinária clareza de mente, uma mente que não tenha qualquer problema, físico ou psicológico, uma mente que não conheça o que é conflito. Até a memória do conflito precisa acabar. Com o fardo da memória nós não podemos encontrar a verdade. É impossível. A verdade só pode vir a uma mente assombrosamente livre de tudo o que é feito pelo homem.

Para mim, o que eu disse não são somente palavras, você entende? Se isso não fosse algo real, eu não diria, eu seria desonesto comigo mesmo. Se isso não fosse um fato, eu seria um terrível hipócrita. Isso requer uma integridade tremenda.

REENCARNAÇÃO

Pergunta: O senhor poderia, por favor, fazer uma exposição precisa sobre a não existência da reencarnação, já que a crescente "evidência científica" está se acumulando agora para provar que a reencarnação é um fato? Preocupo-me com isso porque vejo um grande número de pessoas começando a usar essa evidência para reforçar ainda mais uma crença que elas já têm e que permite que elas fujam de problemas relacionados com a vida e a morte. Não é uma responsabilidade sua ser claro, direto e inequívoco neste assunto, ao invés de rodear o problema?

Serei bem preciso. A idéia da reencarnação existiu muito tempo antes do Cristianismo. Ela predomina em quase toda a Índia e, provavelmente, em todo o mundo asiático. Primeiro: o que é que se encarna; não apenas o que se encarna agora, mas o que se encarna seguidas vezes? Segundo: a idéia de que existe uma evidência científica de que a reencarnação é verdadeira está fazendo com que as pessoas fujam de seus problemas, e é isso o que preocupa o consulente. Ele está realmente preocupado com o fato de as pessoas estarem fugindo? Eles fogem através do futebol ou indo à igreja. Deixe de lado toda essa preocupação a respeito do que os outros fazem. Nós nos preocupamos com o fato, com a verdade da reencarnação; e você quer uma resposta precisa deste que lhes fala.

O que é que se encarna, o que é que nasce de novo? O que é que está vivendo neste momento, sentado aqui? O que é que está acontecendo agora com o que está encarnado?

E quando nos vamos daqui, o que é que está realmente acontecendo em nossa vida diária, que constitui o mecanismo vivo da encarnação — nossas lutas, apetites, avarezas, invejas, apegos — tudo isso? É isso que vai reencarnar na próxima vida?

Agora, aqueles que acreditam na reencarnação, acreditam que renascerão com tudo o que têm agora — talvez modificado — e assim por diante, vida após vida. A crença nunca está viva. Mas suponha que a crença esteja tremendamente viva: então o que você é agora importa muito mais do que o que você passará a ser numa vida futura.

No mundo asiático há a palavra “Karma”, que significa ação na vida, agora, neste período de tempo, com toda a sua miséria, confusão, raiva, ciúme, ódio, violência, que podem ser modificados, mas que continuarão na próxima vida. Portanto, há evidência da lembrança de coisas passadas, de uma vida passada. Essa lembrança é o “ego” acumulado, o “eu”, a personalidade. Esse feixe, modificado, corrigido, um tanto polido, continua na vida seguinte.

Portanto, não se trata de saber se haverá ou não reencarnação (por favor, estou sendo bastante preciso nesta questão), mas de saber se há encarnação agora; muito mais importante do que a reencarnação é o fim dessa confusão, desse conflito, agora. Então o que acontece é algo totalmente diferente.

Por ser infeliz, miserável, triste, uma pessoa diz: “Espero que a próxima vida seja melhor”. Essa esperança numa outra vida é a procrastinação da decisão de enfrentar os fatos agora. Este conferencista tem-se ocupado muito em falar àqueles que acreditam na reencarnação, e tem feito palestras e escrito sobre o assunto um sem-número de vezes. Isso é parte do jogo deles. Eu digo: “Está bem, senhores: vocês acreditam nisso tudo. E se acreditam, o que importa é o que vocês estão fazendo agora.” Mas eles não estão interessados no que estão fazendo agora; eles estão interessados no futuro. Eles não

dizem: “Eu acredito, e modificarei minha vida tão completamente como se não houvesse futuro.” Não digam, no fim, que eu estou fugindo dessa pergunta em particular; vocês é que estão fugindo dela. Tenho dito que a vida presente é tudo o que importa; se vocês compreenderam isso, pensaram bem nisso, com toda a confusão e complexidade que estão implicadas nisso, não há por que levar isso adiante. — Então você entrará num mundo totalmente diferente. Acho que isso está claro, não está? Não estou dando voltas. Você pode me perguntar: “O senhor acredita na reencarnação?” Certo? Eu não acredito em nada. E isto não é uma evasiva. Eu não tenho nenhuma crença; o que não quer dizer que sou um ateu, ou que não seja religioso. Pense nisso, atente para o que isso significa. Isso significa que a mente está livre de todas as peias da crença.

Na literatura da antiga Índia há uma história sobre morte e encarnação. Para um brâmane, um de seus costumes e leis antigas é que, depois de acumular as riquezas do mundo, ele deve, ao fim de cinco anos, deixar tudo e começar de novo. Um certo brâmane tinha um filho e o filho lhe disse: “Você está dando tudo isso a várias pessoas; a quem você me dará; a quem você vai me enviar?” O pai disse: “Vá embora, eu não estou interessado.” Mas o menino volta várias vezes, o pai se enraivece e diz: “Vou enviá-lo para a Morte” — e, sendo um brâmane, ele precisa cumprir sua palavra. Então, ele o envia para a Morte. Em seu caminho para a Morte, o menino dirige-se a vários mestres e descobre que alguns deles dizem que há reencarnação, outros dizem que não. Ele continua procurando e, por acaso, chega à casa da Morte. Quando ele chega, a Morte está ausente (uma implicação maravilhosa, se vocês percebem). A Morte está ausente. O menino espera durante três dias. No quarto dia, a Morte aparece e pede desculpas. Pede desculpas porque o menino era um brâmane. Ela diz: “Desculpe-me por tê-lo feito esperar e, como sinal de meu

arrependimento, eu lhe oferecerei três desejos. Você pode ser o maior dos reis, ter a maior das fortunas ou pode ser imortal". O menino disse: "Encontrei-me com vários mestres e eles todos dizem cada um uma coisa. O que você pode dizer sobre a morte e o que acontece depois?" A Morte diz: "Oxalá eu tivesse discípulos como você; discípulos que não se preocupassem com nada, a não ser com isso." Então, ela começa a falar-lhe sobre a verdade, sobre o estado de vida no qual o tempo não existe.

MEDO

Pergunta: *Eu não estou perguntando sobre como surge o medo — isso o senhor já explicou, mas sim qual a verdadeira substância do medo? O que é o medo em si? Um padrão de reação e sensação fisiológicas, uma contração dos músculos, uma produção de adrenalina, e assim por diante, ou é algo mais? O que tenho que olhar quando olho para o medo em si? Esse olhar pode acontecer quando o medo não está imediatamente presente?*

O que é o medo em si? Geralmente temos medo de algo, ou da lembrança de algo que aconteceu, ou de uma projeção de uma reação no futuro. Mas o consulente pergunta: Qual a verdadeira natureza do medo?

Quando estamos com medo, tanto fisiológica quanto psicologicamente, não temos acaso uma sensação de perigo, uma sensação de isolamento total chamado solidão, de profunda, eterna, permanente solidão? Todas as reações estão relacionadas com alguma coisa: temos medo de uma cobra, ou temos medo de que volte uma dor que se sofreu. Portanto, trata-se do medo de uma coisa real ou de uma lembrança de algo que aconteceu no passado. Mas, à parte as reações psicológicas que as pessoas conhecem como medo, existe acaso o medo em si, não o medo de alguma coisa? Há o medo *per se*? Ou só conhecemos o medo em relação a algo mais? Se o medo

não está relacionado com alguma coisa, será medo? Conhecemos o medo em relação a alguma coisa, de alguma coisa ou para alguma coisa; mas, se você elimina isso, haverá um medo real, que você pode examinar?

A mente, o cérebro necessitam de completa segurança para funcionar bem, de uma forma saudável, sensata. Não achando segurança em alguma coisa, num relacionamento, numa idéia, numa crença — a mente inteligente rejeita tudo isso — e, no entanto, ainda assim, ela procura a segurança completa. Não a encontrando, surge o medo. Haverá acaso alguma coisa total e completamente segura e certa — não a certeza das crenças, dogmas, rituais e idéias, que podem ser todos abolidos quando novas idéias, dogmas e teorias tomarem o seu lugar? Deixando de lado tudo isso: a mente, o cérebro, ao procurar uma segurança inteligível, e não a achando, sente um medo profundamente arraigado? Portanto, à parte as espécies comuns de medo, a mente cria o medo em si, porque não há nada válido, nada que seja inteiro? Seria essa a substância do medo?

Pode a mente em si não ter medo? O pensamento — que é parte da função da mente e do cérebro — ao desejar segurança, criou várias ilusões, filosóficas e teológicas. Não a encontrando lá, ela ou cria algo além de si mesma, algo no qual espera encontrar total segurança, ou a mente em si é de tal modo completa que não necessita de medo.

Não estamos falando em nos livrar do medo ou em suprimir o medo; estamos perguntando: pode a mente em si não ter causa, substância ou reação que cause medo? Pode a mente, de algum modo, se encontrar num estado — essa palavra “estado” implica o conceito de estática, não é isso — pode ela de algum modo, ter uma qualidade onde não exista nenhum movimento de projeção para fora, onde ela seja completamente inteira em si? Isso implica a compreensão do que é meditação. A meditação não é, de modo algum, o absurdo que se diz por aí. É estar livre do medo, tanto fisiológico quanto psicológico, ou não há amor, não há compaixão. Enquanto há medo, nada mais pode acontecer. Meditar — não alcançar

algo — é compreender a natureza do medo e passar além — é achar uma mente que não se lembra de algo que lhe causou medo, pois ela está em toda a sua inteireza.

Mas há a outra parte da pergunta: Esse olhar pode ocorrer quando o medo não está imediatamente presente?

Podemos recordar o medo, e a lembrança desse medo pode ser observada. Sentimos medo no passado e podemos evocá-lo; mas não é exatamente o mesmo, porque o medo existe no momento seguinte, não no momento atual; o que chamamos de medo é uma reação. Mas no momento exato do grande perigo, no momento de enfrentar algo que pode causar medo, não há medo, não há nada. Então há uma recordação do passado, então a sua especificação e o dizer: “Tenho medo”, com toda a contração dos músculos, a secreção de adrenalina.

Podemos recordar um medo passado e olhar para ele. A observação desse medo é importante, porque ou nós o expulsamos para fora de nós mesmos, ou dizemos: “Eu sou esse medo” — não há um eu à parte observando o medo: nós somos essa reação. Quando não há divisão entre o eu e o medo, mas somente o estado dessa reação, então ocorre algo inteiramente novo.

INJUSTIÇA

Pergunta: *Quando não vemos no mundo nenhum princípio universal demonstrável de justiça, não nos sentimos compelidos, por nenhuma razão, a nos transformar ou a transformar a sociedade caótica em que vivemos. Não vemos critérios racionais pelos quais medir as conseqüências de ações e sua responsabilidade. O senhor pode partilhar conosco a sua opinião sobre este assunto?*

Há justiça no mundo? Esta tem sido uma pergunta que todos os filósofos têm tentado responder, tecendo uma grande quantidade de palavras. Agora: há justiça no mundo? Justiça racional, sensata? Você é esperto, eu não. Você tem dinheiro, eu não. Você tem capacidade, o outro não tem. Você tem talento, você pode se divertir, enquanto eu nasci pobre. Alguém tem uma doença que o deixou aleijado, o outro não. Vendo tudo isso dizemos: deve haver justiça em algum lugar. Da falta de justiça chegamos a uma idéia de justiça: Deus é justo. Mas permanece o fato de que há uma terrível injustiça no mundo.

E o consulente quer saber: "Se não há justiça, por que eu deveria mudar? Não há razão para isso. Por que deveria eu mudar neste mundo caótico, onde os ditadores são o máximo; se a própria vida deles é uma injustiça, que aterroriza milhões de pessoas?" Vendo tudo isso, não há um motivo

racional para eu mudar. Penso que esta não é uma pergunta racional, se posso me exprimir assim. Você muda porque está sob pressão, ou porque é recompensado. Trata-se, então, de uma mudança por recompensa ou por castigo.

Os seres humanos são tão irracionais, em todo o mundo, e você, como ser humano, é como o resto da humanidade. E como você é o resto da humanidade, você é responsável; não porque você vê tanta injustiça no mundo, como os escroques conseguem tudo, ou porque você compara as igrejas maravilhosas e as grandes riquezas com os milhões e milhões de esfomeados.

A mudança não é produzida por compulsão, por recompensa e castigo. A própria mente vê o absurdo de tudo isso; ela vê a necessidade de mudança, não porque Deus ou o padre ou alguém lhe diz para mudar. Vemos o caos ao nosso redor e esse caos foi criado por seres humanos; eu sou como esses seres humanos; eu tenho que agir, é minha responsabilidade, e uma responsabilidade global.

FRAGMENTAÇÃO

Pergunta: *Podemos morrer, psicologicamente, para o "eu"?*
Descobrir é um processo de conscientização sem escolha. Para observar sem escolha, parece que precisamos deixar de existir ou morrer para o ego, o "eu". A pergunta é: Como posso observar, em meu atual estado de fragmentação? É como se o "eu" tentasse ver o "eu". Isso é um paradoxo impossível; esclareça-o, por favor.

Não me cite — ou a quem quer que seja — porque então as palavras não serão suas e você se torna um ser humano de segunda mão, o que todos somos. Essa é a primeira coisa que precisamos entender, pois ela distorce o nosso pensamento. Nós somos o resultado de milhões de anos de pressão do pensamento de outras pessoas e da propaganda. Se uma pessoa não se livra disso tudo, não poderá encontrar a origem das coisas.

O consulente pergunta: Como posso observar em meu atual estado de fragmentação? Você não pode. Mas pode observar a sua fragmentação. Observando-se a si próprio você descobre que está olhando com certos preconceitos. E você se esquece de olhar para você mesmo e passa a se preocupar com a questão do preconceito. Você se torna cômico de seu preconceito; você pode olhar para ele sem qualquer senso de distorção, sem escolha. Observe somente os precon-

ceitos; deixe que o preconceito lhe conte a história; não conte você a história sobre o preconceito; deixe que o preconceito se mostre; a causa do preconceito, a imagem, conclusões e opiniões.

Então, você começa a descobrir, olhando para o preconceito, que você está fragmentado e que essa fragmentação é produzida pelo pensamento; naturalmente, portanto, você começa a tomar consciência do movimento do pensamento.

Você está confuso; o que é essa confusão? Quem criou essa confusão, em você e fora de você? Observando a confusão, você começa a se tornar cômico do movimento do pensamento, da natureza contraditória do pensamento; deixe que a coisa toda se mostre, enquanto você observa.

A história está aí, mas você não lê a história; você está dizendo ao livro o que ele deveria dizer. Não é que isso seja a sua própria história; é a história da humanidade. Você não pode ter um *insight* se isso for meramente a resposta da memória. Religião organizada não é religião. Todo o absurdo que existe por aí, rituais, dogmas, teorias e os teólogos tecendo novas teorias — isso não é religião. Agora, o que faz que uma pessoa diga que isso não é religião? Apenas o exame atento de todas as religiões, seus dogmas, suas superstições, seus rituais, sua ignorância, e dizendo no final: “Isto é um absurdo”? Ou a pessoa vê imediatamente que qualquer forma de propaganda ou de pressão não é jamais religião? A pessoa vê isso imediatamente e, portanto, liberta-se. Mas se a pessoa está meramente examinando várias religiões e então chega a uma conclusão, essa conclusão será limitada, pode ser refutada, por um argumento, por um conhecimento superior.

Mas se a pessoa consegue um *insight* sobre a natureza das estruturas religiosas inventadas pelo homem, então a mente liberta-se imediatamente disso. Se a pessoa compreende a tirania de um guru — eles são tiranos, porque querem poder, posição; eles sabem, os outros não sabem — então ela viu a tirania de todos os gurus. Portanto, ela não irá de um guru para outro.

ATENÇÃO

Pergunta: *Que relação existe entre a atenção e o pensamento?
Existe alguma lacuna entre a atenção e o pensamento?*

Você sabe o que é concentração — desde a infância, somos treinados para isso. A concentração é a canalização de toda a energia para um ponto particular e a fixação nesse ponto. Um menino na escola olha através da janela para os pássaros e as árvores, para os movimentos das folhas, ou para um esquilo que sobe na árvore. E o professor diz: “Você não está prestando atenção; concentre-se no livro”; ou “Preste atenção no que estou dizendo”. Isto é dar muito mais importância à concentração do que à atenção. Se eu fosse o professor, eu o ajudaria a olhar para fora; eu o ajudaria a observar aquele esquilo integralmente; observar o movimento da cauda, como suas patas fazem, tudo. Então, se ele aprender a observar o esquilo atentamente, ele irá prestar atenção ao livro.

A atenção é um estado da mente do qual não há contradição. Não há entidade, ou centro, ou ponto, que diga: “Preciso prestar atenção”. Trata-se de um estado no qual não há desperdício de energia, enquanto que na concentração há sempre um processo de controle ocorrendo: “Quero me concentrar naquela página”, mas o pensamento divaga e você o puxa de volta — há uma batalha constante. A atenção é algo totalmente diferente da concentração.

O consulente pergunta: Qual a relação entre atenção e pensamento? Nenhuma, obviamente. Eu não sei se você está me entendendo. A concentração tem uma relação com o pensamento, porque o pensamento orienta: "Eu preciso aprender"; "Preciso me concentrar para me controlar". O pensamento dá a direção de um ponto até o outro ponto. Enquanto que na atenção não há pensamento, há simplesmente a atenção. A parte seguinte da pergunta: Existe alguma lacuna entre a atenção e o pensamento? Quando você tiver assimilado todo o movimento do pensamento, não fará mais essa pergunta. Você tem que compreender o que é o pensamento, ver o que ele é e como ele se produz. Não há pensamento se existir uma amnésia total. Mas, infelizmente, ou felizmente, você não está num estado de amnésia. Você quer descobrir o que é o pensamento, qual o lugar dele na vida; então você começa a examinar o pensamento. O pensamento ocorre como uma reação da memória. A memória responde a um desafio, a uma pergunta, a uma ação, ou em relação a uma idéia ou a uma pessoa. Você deve ter pisado em algum inseto que o picou. Essa dor é registrada e armazenada no cérebro como memória; não se trata de uma dor real; a dor acabou, mas a memória permanece. Então, da próxima vez você se acautela, pois houve a experiência da dor, que se tornou conhecimento, que responde como pensamento. Memória é pensamento. O conhecimento, mesmo profundo, mesmo extenso, deve ser sempre limitado. Não existe conhecimento completo.

O pensamento é sempre particular, limitado, dividido; em si mesmo, ele é incompleto e não pode jamais tornar-se completo. Ele pode pensar sobre a perfeição, pode pensar sobre a totalidade, mas o pensamento em si não é total. O que quer que o pensamento crie, filosoficamente ou religiosamente, é ainda parcial, limitado, fragmentário, e é parte da ignorância. O conhecimento não pode jamais ser completo; ele deve ir sempre de mãos dadas com a ignorância. Se você compreender a natureza do pensamento e compreender o que é concentração, então você entenderá que o pensamento não pode prestar atenção porque a atenção é o mesmo que dar

toda a sua energia sem nenhuma limitação ou restrição do pensamento.

Se você está prestando atenção, o que ocorre? Não há o “você” prestando atenção. Não há um centro que diga: “Estou prestando atenção”. Você está prestando atenção porque isso é a sua vida. Se você está sério e prestando atenção, logo descobrirá que todos os seus problemas se foram — pelo menos no momento. Resolver problemas é prestar atenção. Não se trata de um truque.

TAGARELICE

Pergunta: Por que minha mente está tagarelando, tão irrequieta?

Você já se fez essa pergunta, por si mesmo? Por que sua mente é tão irrequieta e está sempre tagarelando, indo de uma coisa para outra, movendo-se de uma distração para outra? Por que a sua mente está tagarelando? E o que é que você pode fazer a esse respeito? Seu impulso imediato é controlar isso: “Eu não devo tagarelar”. O controlador que diz: “Eu não devo tagarelar” é em si parte da tagarelice. Percebe a beleza disso?

Então, o que você deve fazer? Você pode examinar as causas da tagarelice, como a tagarelice é parte de uma mente ocupada. A mente, incluindo toda a sua estrutura, o cérebro, precisa ocupar-se com algo — com sexo, televisão, cozinha, limpeza de casa, futebol, ir à igreja — está sempre ocupada. Por que ela deve se ocupar? Se ela não se ocupa, você não se sente inseguro, não receia estar desocupado? Você se sente vazio, sente-se perdido; você começa a perceber que há uma tremenda solidão interior.

Então, para evitar essa profunda solidão, com toda a sua agonia, a mente se ocupa com qualquer coisa exceto com isso. E então isso se torna a ocupação. Por estar ocupada com todas essas coisas exteriores, ela diz: “Estou sozinho: esse é o meu problema. O que devo fazer para superá-lo?” E você pensa em

como você é infeliz — então, volta à tagarelice. E pergunta: por que a mente está tagarelando, sem ficar quieta um minuto, sem estar um minuto completamente livre de qualquer problema? Novamente, essa preocupação mental é o resultado da sua educação, da natureza social de sua vida. Mas quando você percebe que sua mente está tagarelando e enfrenta isso, se fixa nisso, então você verá o que acontece. Sua mente está tagarelando. Está bem: preste atenção nisso. Você diz: “Está bem: tagarele”. Você está atento, o que significa que não está tentando não tagarelar, não está dizendo: “Eu não devo”, ou reprimindo essa tagarelice; está apenas atento a essa tagarelice. Se você o fizer, verá o que acontece: sua mente está lúcida e provavelmente esse é o estado de um ser humano “normal”, saudável.

ILUMINAÇÃO

Pergunta: Hoje existem tantos gurus, tanto no Oriente como no Ocidente, cada um apontando seu próprio caminho para a iluminação. Como podemos saber se eles estão falando a verdade?

Quando um guru diz que sabe, ele não sabe. Quando um guru oriental, ou um homem do ocidente diz: “Eu alcancei a iluminação” — então você pode estar certo de que ele não é um iluminado; a iluminação não é para ser alcançada. Ela não é algo que você consegue passo a passo, como se estivesse subindo uma escada. A iluminação não está nas mãos do tempo. Não adianta você afirmar: “Eu sou ignorante, mas se fizer certas coisas chegarei à iluminação” — o que quer que essa palavra signifique. O que é o tempo? O tempo é necessário para ir, fisicamente, daqui para outro lugar. E psicologicamente, o tempo é absolutamente necessário? Aceitamos que é, e isso faz parte de nossa tradição e treinamento; eu sou isto, mas serei aquilo. O que serei jamais acontecerá porque eu não compreendi “o que é”. A compreensão “d'o que é” é imediata; você não tem que analisar, passar por torturas.

Não gostamos de usar a palavra “iluminação”; ela está tão carregada com o significado dado por todos esses gurus. Eles não sabem sobre o que estão falando; não que a pessoa que lhes fala saiba; isso seria tolo de sua parte, mas vemos o que está envolvido quando eles falam sobre alcançar a ilumi-

nação, passo a passo, praticando, até que a mente se torne obtusa, mecânica, estúpida.

Sejam eles gurus orientais ou ocidentais, duvide do que eles estão falando, duvide também do que a pessoa que lhes fala está dizendo — muito mais ainda porque, embora ele esteja sendo muito claro em todos esses assuntos, isto não significa que ele seja a única pessoa que sabe, o que é igualmente absurdo. A mente precisa estar livre de toda autoridade — sem seguidores, discípulos ou padrões.

O consulente pergunta: Como se pode saber se esses gurus estão falando a verdade? Como saber se os padres de sua cidade, os bispos, os arcebispos e os papas estão falando a verdade? Em vez de ir para a Índia e aceitar esses gurus, considere primeiro: como você pode saber se eles estão falando a verdade? Pode ser que estejam todos comprometidos com algum tipo de fraude, que significa dinheiro, posição, autoridade, dando iniciações e tudo o mais. Questione-os, pergunte-lhes: “Por que o senhor se coloca como autoridade?” Duvide de tudo o que eles dizem e você logo descobrirá que eles o deixarão de lado. Isso aconteceu uma vez que um guru muito famoso veio ver este conferencista. Ele disse: “Sou um guru com muitos seguidores. Comecei com um e agora eu tenho mais de mil, tanto no Ocidente como no Oriente, especialmente no Ocidente. Não posso afastar-me deles; eles são parte de mim e eu sou parte deles. Eles me formaram e eu os formei.” Os discípulos formam o guru, o guru forma os discípulos e ele não pode deixá-los ir. Desse modo é que se estabelece a autoridade no mundo “espiritual”. Veja o perigo disso. Onde há autoridade, nos domínios da mente e do coração, não há amor — talvez haja um amor espúrio, mas não há o sentido dessa profundidade de afeição, amor e cuidado.

Para descobrir quem está falando a verdade, não procure, mas questione. A verdade não é algo que se possa obter. A verdade só vem quando a mente está total e completamente livre de tudo isso. Então você tem compaixão e amor, não pelo seu guru, não pela sua família, não pelos seus ideais ou

por seu salvador, mas amor, sem nenhum motivo, um amor que age através da inteligência. E você pensa que a verdade é algo que você compra de outro!

Os gurus, orientais e ocidentais, todos citam o velho provérbio: “Você deve ser uma luz dentro de si mesmo” — um provérbio antigo e muito famoso na Índia. E eles o repetem, acrescentando: “Você não pode ser uma luz dentro de si mesmo, a não ser que eu a dê a você”. As pessoas são tão simplórias; isso é que está errado. Todos eles querem alguma coisa — os jovens e os velhos. Para os jovens, o mundo é cruel demais; para eles, o que as gerações mais velhas fizeram do mundo é aterrador demais. Não há lugar para eles, eles estão perdidos; então, viciam-se em drogas e na bebida; todas as espécies de coisas estão acontecendo com os jovens no mundo: comunicações, orgias sexuais, fugas para a Índia, para gurus, para encontrar alguém que lhes diga o que fazer — alguém em quem possam confiar. Eles vão lá, jovens, inocentes, sem saber; e os gurus lhes dão a sensação de que estão sendo protegidos e guiados — isso é tudo o que eles querem. Eles não conseguem isso de seus pais, dos padres de sua cidade, de seus psicólogos, porque seus pais, os padres e os psicólogos estão igualmente confusos. Eles partem para esse país perigoso, a Índia, e lá são apanhados aos milhares. Eles estão em busca de conforto, de alguém que lhes diga: “Estou à sua procura. Serei responsável por você. Faça isto. Faça aquilo” — e essa é uma situação muito feliz, agradável, pois também lhes dizem: “Você pode fazer o que quiser, entregar-se ao sexo, à bebida — vá em frente.”

De igual modo, a geração mais velha está na mesma posição, só que expressam isso com mais sofisticação. Eles são iguais, os jovens e os velhos, em todo o mundo. Mas ninguém pode servir de guia, nem pode iluminar ninguém. Somente você mesmo pode fazer isso; mas você deve ficar completamente só. Isso é o que amedronta velhos e jovens. Se você pertence a algo ou segue alguém, você já está se corrompendo. Entenda isso de uma forma bem profunda, com lágrimas nos olhos: quando não há guru, nem professor, nem discípulo,

há somente você como um ser humano que vive neste mundo — o mundo, a sociedade, que você criou. E se você não faz algo por si mesmo, a sociedade não vai ajudá-lo. Ao contrário: a sociedade quer que você seja o que você é. Não pertença a nada, a nenhuma instituição ou organização; não siga ninguém, não seja discípulo de ninguém. Você é um ser humano que vive neste mundo terrível; um ser humano que é o mundo e o mundo é você. Você tem que viver nesse mundo — entenda isso — e ir além de si mesmo.

VIVER DA MANEIRA CERTA

Pergunta: Trabalho como professor e estou em constante conflito com o sistema da escola e os padrões da sociedade. Devo desistir de todo esse trabalho? Qual a maneira certa de ganhar a vida? Há uma maneira de viver que não perpetue o conflito?

Esta é uma resposta bastante complexa, e nós trataremos dela ponto por ponto.

O que é um professor? Ou o professor dá informações sobre História, Física, Biologia, e assim por diante, ou ele próprio está aprendendo com o aluno a respeito de si mesmo. Este é um processo de compreensão de todo o mecanismo da vida. Se sou professor, não de Biologia ou de Física, mas de Psicologia, então o aluno me entenderá ou, ao fazer-lhe minhas observações, eu o ajudo a compreender a si mesmo?

Precisamos ser muito cuidadosos e claros quanto ao que entendemos por um professor. Existem professores de Psicologia? Ou existem apenas professores de fatos. Existe acaso um professor que o ajude a compreender a si mesmo? O consulente pergunta: sou um professor. Tenho que lutar não só contra o sistema estabelecido de escolas e educação, mas também a minha vida é uma constante batalha comigo mesmo. Devo desistir de tudo isso? Então, o que farei quando desistir disso tudo? Ele está querendo saber não só o que é ensinar da maneira certa, mas ele também quer descobrir o que é viver da maneira certa.

O que é viver da maneira certa? Na sociedade como ela é agora, não há nenhum modo correto de viver. Você tem que ganhar o seu sustento; você se casa, você tem filhos, torna-se responsável por eles e, portanto, aceita o tipo de vida de engenheiro ou de professor. Na sociedade como ela é agora pode haver um modo certo de viver? Ou será a busca de um modo certo de viver meramente uma busca da Utopia, um anseio por algo mais? O que se deve fazer numa sociedade corrupta, que tem tantas contradições em si mesma, na qual há tanta injustiça — pois essa é a sociedade na qual vivemos? E, não só como professor de escola, eu estou me perguntando: que devo fazer?

É possível viver nesta sociedade, não apenas para ter um modo correto de subsistência, mas também para viver sem conflito? É possível ganhar o sustento corretamente e ainda fazer cessar todo o conflito dentro de mim mesmo? Agora, trata-se de duas coisas separadas: ganhar o sustento corretamente e não ter conflitos dentro de si mesmo? Estas duas coisas estão em compartimentos separados, estanques? Ou caminham juntas? Viver uma vida sem quaisquer conflitos requer uma grande dose de compreensão de si mesmo e, portanto, uma grande inteligência — não a inteligência aguda do intelecto, mas a capacidade de observar, de ver objetivamente o que está acontecendo, tanto externa como internamente, e para saber que não há diferença entre o exterior e o interior. É como uma maré que vai e que vem. Viver nessa sociedade que nós criamos sem nenhum conflito em mim mesmo e, ao mesmo tempo, ter um modo correto de viver — isso é possível? A qual dessas duas coisas devo dar ênfase — ao modo correto de ganhar o sustento ou ao modo correto de viver, isto é, de descobrir como viver uma vida sem conflito? O que vem primeiro? Não deixem que eu fique falando, enquanto vocês ficam apenas ouvindo, concordando ou discordando, dizendo: “Não é prático. Não é assim, não é assado” porque o problema é de vocês. Estamos perguntando um ao outro: haverá um modo de viver que produza naturalmente uma subsistência correta e, ao mesmo

tempo, permita que vivamos sem uma sombra sequer de conflito?

As pessoas dizem que você não pode viver desse modo, exceto num mosteiro, como um monge; porque você renunciou ao mundo e a toda a sua miséria, e está comprometido com o serviço de “deus”; porque você devotou sua vida a uma idéia, ou a uma pessoa, a uma imagem ou símbolo, você espera que cuidem de você. Mas muito poucos ainda acreditam em mosteiros, ou em frases como: “Eu me submeto”. Se eles se submetem, submetem-se à imagem que criaram de outrem, ou que projetaram.

Só é possível viver uma vida sem uma única sombra de conflito quando você compreendeu todo o significado da vida — que é: relacionamento e ação. O que é uma ação correta — sob quaisquer circunstâncias? Haverá uma ação correta que seja absoluta, não relativa? A vida é ação, movimento, falar, adquirir conhecimento e, também, relacionamento com os outros, seja ele profundo ou superficial. Você tem que descobrir o relacionamento correto se quer descobrir uma ação correta que seja absoluta.

Como é o seu relacionamento atual com os outros — não essa coisa romântica, imaginosa, poética, que desaparece em poucos minutos — mas, verdadeiramente, como é o seu relacionamento com os outros? Como é o seu relacionamento com uma pessoa em particular? — talvez íntimo, envolvendo sexo, envolvendo dependência de um para com o outro, possuindo um ao outro e, portanto, despertando ciúme e antagonismo. O homem ou a mulher se atiram ao escritório, ou a alguma espécie de trabalho físico, onde ele, ou ela, é ambicioso, voraz, competitivo, agressivo para obter sucesso; ele, ou ela, volta para casa e se transforma num marido ou mulher dócil, amável, talvez afetuoso. Esse é o relacionamento diário real. Ninguém pode negá-lo. E nós estamos perguntando: trata-se de um relacionamento correto? Nós dizemos que não, certamente que não; seria um absurdo dizer que esse é um relacionamento correto. Nós dizemos isso, mas continuamos na mesma. Dizemos que isso está errado, mas não parecemos ser

capazes de compreender o que é um relacionamento correto — exceto de acordo com o padrão estabelecido por nós mesmos, pela sociedade. Podemos desejar isso, almejar isso, ansiar por isso, mas ansiar e almejar não transformam isso em realidade. Precisamos tratar disso com seriedade para descobrir.

O relacionamento, geralmente, é sensual — comece por aí — então, da sensualidade vem o companheirismo, uma sensação de dependência mútua: então há a criação de uma família, que aumenta essa dependência mútua. Quando há incerteza nessa dependência, o caldo entorna. Para encontrar o relacionamento correto temos de questionar essa grande dependência mútua. Psicologicamente, por que somos tão dependentes em nosso relacionamento? Será porque somos desesperadamente solitários? Será porque não confiamos em ninguém — nem mesmo em nosso próprio marido ou mulher? Por outro lado, essa dependência dá uma sensação de segurança, uma proteção contra esse vasto mundo de terror. Nós dizemos: “Eu amo você”. Nesse amor há sempre a sensação de possuir e de ser possuído. E, quando essa situação é ameaçada, surge todo o conflito. Esse é o nosso relacionamento atual, uns com os outros, íntimo ou não. Criamos uma imagem uns dos outros e nos apegamos a ela.

No momento em que você se prende a outra pessoa, ou a uma idéia, ou a um conceito, tem início a corrupção. Isso é o que temos que perceber, e nós queremos percebê-lo. Portanto, podemos viver juntos sem nos prender, sem ser dependentes psicologicamente dos outros? A menos que você descubra isso, você viverá sempre em conflito, pois a vida é relacionamento. Agora, podemos objetivamente, sem nenhum motivo, observar as consequências do apego e deixar esse apego, imediatamente? O apego não é o oposto do desapego. Estou apegado, e luto para ser desapegado. Isto é: eu crio o oposto. No momento em que crio o oposto, nasce o conflito. Mas não existe esse oposto; existe somente o que tenho, que é o apego. Existe apenas o fato do apego — e nele vejo todas as consequências do apego, no qual não há amor — e não a busca do apego. O cérebro tem sido condicionado,

educado, treinado, para observar o que existe e para criar seu oposto: “Sou violento, mas não devo ser violento” — portanto, há conflito. Mas quando observo apenas a violência, a natureza da violência — não analiso, mas observo — então o conflito do oposto é totalmente eliminado. Se alguém quiser viver sem conflito, cuide apenas daquilo que é”; tudo o mais “não é”. E — quando vivemos desse modo — e é possível viver desse modo — permanecendo inteiramente com “o que é”, então “o que é” perde a importância. Experimente.

Quando você realmente entende a natureza do relacionamento, que só existe quando não há apego, quando não há imagem um do outro, então há comunhão real de um com o outro.

Ação correta significa ação precisa, exata, não baseada em motivos; é ação que não está dirigida nem comprometida. A compreensão da ação correta, o relacionamento correto, produz inteligência. Não a inteligência do intelecto, mas aquela inteligência profunda, que não é sua ou minha. Essa inteligência irá ditar-lhe o que fazer para ganhar o sustento; quando ela existe, você pode ser um jardineiro, um cozinheiro, não importa. Sem essa inteligência, sua subsistência será ditada pelas circunstâncias.

Existe um modo de vida em que não há conflito; porque não há conflito, há a inteligência, que lhe mostrará o caminho da vida correta.

FIXAÇÃO NA MEMÓRIA

Pergunta: *É possível estar tão completamente desperto no momento da percepção a ponto de a mente não gravar o acontecimento?*

Na pergunta está a resposta; vamos averiguar isso. É possível não se lembrar, de modo algum, dos nossos fracassos, desesperos, ansiedades, de tudo o que está acontecendo dentro e fora, de modo que a mente fique sempre livre?

É função do cérebro recordar. Alguém me diz: “Você é um idiota” e o cérebro grava isso no mesmo instante. Isso não me agrada, pois tenho uma imagem de mim mesmo de que não sou um idiota, e você me chama de idiota, e isso me magoa. Isso é gravar. A mágoa existe enquanto eu tiver uma imagem de mim mesmo — todo mundo pisará nessa imagem. E há mágoa; o cérebro gravou isso. Gravar na memória é construir um muro em volta de mim mesmo para que não me possam magoar mais. Estou com medo; portanto, fecho-me em mim mesmo, construo um muro de resistência e me sinto seguro.

Agora o consulente pergunta: É possível não gravar essa mágoa no momento em que sou chamado de idiota? É possível não gravar absolutamente, não só a mágoa, mas a lisonja? É possível não gravar nenhuma das duas? O cérebro foi treinado para gravar, pois nessa gravação há proteção, segurança, uma sensação de vitalidade; nessa gravação, a

mente cria a imagem de si mesma. E essa imagem será magoada constantemente. Seria possível viver sem uma única imagem de você mesmo, ou de seu marido, mulher, filhos, firma, ou dos políticos, dos padres, ou do ideal — sem uma única sombra de imagem? É possível e, se não for, você sempre estará sendo magoado, sempre vivendo de acordo com um padrão no qual não há liberdade. Quando você presta total atenção, não há fixação na memória. É só quando há desatenção que você grava. Isto é: você me lisonjeia; isso me agrada; o gostar desse momento é uma desatenção; por isso, você grava. Mas quando você me lisonjeia, eu o ouço integralmente, sem nenhuma reação; então não há o centro que grava.

Você precisa descobrir o que é atenção. A maioria de nós sabe o que é concentração; de um ponto a outro — de um desejo, de uma esperança a outra. Você se concentra em seu serviço. Você se concentra para controlar a mente, para atingir um determinado resultado. Nessa concentração deve haver conflito, porque você está se concentrando; os pensamentos vêm aos borbotões e você tenta afastá-los. Essa constante luta com o pensamento intruso é concentração; enquanto que na atenção não há luta, e nem ponto a partir do qual você está prestando atenção.

Você já prestou atenção em alguma coisa? — O que significa não haver pensamento, nem movimento, nem interpretação ou motivo, apenas atenção completa. A concentração é gradual; portanto, há resistência; a atenção não tem centro a partir do qual você presta atenção; a atenção inclui tudo; não há limites para ela. A concentração produz, inevitavelmente, resistência; você se fecha, evita ruídos, evita interrupções; todo o seu cérebro está centrado num ponto, um ponto que pode ser excelente ou não. Na concentração há uma divisão entre o que controla e o que é controlado. O que controla é o pensamento, que diz: “Preciso controlar isto”; portanto, o que controla é o controlado. Em outras palavras:

o pensador é o pensamento, pois não há separação entre pensamento e pensador. Você elimina igualmente essa divisão quando percebe que o pensador é o pensamento, que o que controla é o controlado. Quando você realmente perceber a verdade disso, ocorrerá a atenção; na atenção pode haver uma concentração, na qual você se concentra em fazer algo; mas ela vem da atenção.

MORTE

Pergunta: *Nas suas conferências, o senhor fala da morte como aniquilamento total; o senhor também disse que depois da morte há imortalidade, um estado de existência atemporal. Pode-se viver nesse estado?*

Eu não usei a palavra aniquilamento; eu disse que a morte é um fim — como o fim de um apego. Quando algo termina, como o apego, algo totalmente novo começa. Quando nos acostumamos à ira durante toda a vida, ou à avareza, ou à agressão, e acabamos com tudo isso, ocorre algo totalmente novo. Podemos ter seguido um guru, com todas as suas artimanhas, mas percebemos todo o absurdo disso e acabamos com essa situação. O que acontece? Sentimo-nos livres do fardo que carregávamos inutilmente. A morte é como o fim de um apego.

O que é que continua através da vida? Costumamos opor a morte à vida. Dizemos que a morte está no fim da vida; um fim que talvez possa estar dez ou cinquenta anos à frente — ou depois de amanhã. Esperamos que sejam dez ou mais, mas essa é a ilusão, um desejo, uma espécie de impulso. Não poderemos entender como enfrentar a morte sem entender ou enfrentar a vida, pois morte não é o oposto de vida.

Muito mais importante do que fazer a pergunta: como enfrentar a morte, ou o que é a imortalidade, ou se a imortalidade é um estado no qual se pode viver, é a questão de como

enfrentar a vida, de como entender essa coisa terrível chamada vida. Porque viver como vivemos não tem sentido. Podemos tentar dar sentido à vida, como a maioria das pessoas faz, dizendo que a vida é isto, ou que a vida deve ser aquilo; mas, deixando de lado todos esses absurdos românticos, ilusórios; idealísticos, a vida é a tristeza diária da pessoa, seu desafio, desespero, depressão, agonia — com os clarões ocasionais da beleza e do amor. Nossa vida é isso; podemos enfrentar e compreender isso tão completamente, a ponto de tornar a vida sem conflito? Fazer isso é o mesmo que morrer para tudo o que foi construído pelo pensamento. O pensamento constrói a vaidade da pessoa. O pensamento diz: “Preciso conseguir, tornar-me alguém, lutar, competir.” Essa é a conclusão a que o pensamento chega; isso é a existência da pessoa. Seus deuses, igrejas, gurus, rituais, tudo o que constitui a atividade do pensamento, o mecanismo da memória, a experiência, o conhecimento armazenado no cérebro — um processo material. E quando o pensamento domina a vida de uma pessoa, como acontece, então ele nega o amor. O amor não é uma lembrança. O amor não é uma experiência. O amor não é desejo ou prazer.

Vivendo desse modo, dominados pelo pensamento, separamos da vida essa coisa chamada morte, que é um fim, e isso nos amedronta. Se negamos em nós mesmos tudo o que o pensamento criou — e isso requer uma coragem tremenda — o que acontece? Estamos com a morte; viver é morrer e, portanto, renovar-se.

Somos treinados para ser indivíduos — o eu que se opõe a você, o meu *ego* contra o seu *ego*. Mas o fato é que somos toda a humanidade. Passamos por tudo o que todo ser humano passa: todos os seus apetites sexuais, alegrias, tristezas, grandes esperanças, medos, ansiedades, a imensa sensação de solidão — isso é o que todo ser humano tem, isso é a nossa vida. Nós somos a humanidade inteira, não somos um indivíduo. Gostamos de pensar que somos, mas não somos.

Há uma vida na qual não há um centro como o “eu”; uma vida, portanto, que caminha de mãos dadas com a morte;

e, a partir desse sentimento de total cessação, o tempo chega a um fim. Tempo é movimento, movimento é pensamento, pensamento é tempo. Quando perguntamos: “Podemos viver nessa eternidade?” — somos capazes de entender. Veja o que fazemos. “Eu quero viver na eternidade, entender a imortalidade” — o que significa que “eu” preciso ser parte disso. Mas o que é esse “eu”? Um nome, uma forma, e todas as coisas que o pensamento juntou: isso é o que o “eu” realmente é; é a isso que nos apegamos. E quando a morte vem, por doença, acidente, idade avançada, como ficamos amedrontados!

DESCONTENTAMENTO

Pergunta: Estou descontente com tudo. Tenho pensado e lido bastante, mas meu descontentamento com todo o universo ainda subsiste. O que o senhor diz torna-me mais descontente ainda, mais perturbado, mais preocupado. No momento, sinto-me frustrado, hostil em relação ao senhor. O que há de errado com o que o senhor está dizendo? Ou haverá algo de errado comigo?

Observamos o que está acontecendo no mundo, vemos a superpopulação, a poluição, a corrupção e a violência, em praticamente todos os países, e tentamos encontrar uma resposta. Podemos não estar contentes, não só com o que este conferencista está dizendo, mas com tudo o que nos cerca — com o trabalho, a mulher ou o marido, com a namorada ou o namorado, e com muita coisa mais. Ficamos descontentes. E essa é a sorte comum da maioria de nós. Ou esse descontentamento se torna uma chama que nos consome, ou é mitigado pela procura de alguma espécie de satisfação em várias atividades da vida. Em vez de permitir que alguma espécie de descontentamento se torne uma chama que consome, a maioria de nós a destrói. Nós nos satisfazemos tão facilmente, nos enganamos tão facilmente, estamos sempre tão prontos a aceitar tudo, que aos poucos esse nosso descontentamento perde a importância, e nós nos tornamos um ser humano medíocre, normal.

O consulente insinua que já passou por tudo isso; ele tem lido e pensado bastante a respeito da vida; provavelmente, deve ter viajado por todo o mundo e não encontrou resposta para esse descontentamento. As pessoas que pensam, que têm consciência do que está acontecendo em volta delas e em si mesmas, sabem que a política, a ciência e a religião não responderam a nenhum dos nossos profundos problemas humanos. Nós evoluímos tecnologicamente e nos desenvolvemos, mas no íntimo estamos descontentes. O consulente, ouvindo à pessoa que lhes fala, está ainda mais perturbado, mais descontente e hostil, e pergunta o que há de errado com as afirmações da pessoa que lhes fala — ou se haverá algo errado com ele mesmo? Em vez de aceitar e sentar-se quieto e dizer sim, ele se coloca como um antagonista diante do conferencista; ele não aceita.

Precisamos ser bastante claros quanto à questão de se saber se esse descontentamento tem ou não uma causa, pois, se tem uma causa, esta deve ser a procura de contentamento, de satisfação, de gratificação. A insatisfação cria o oposto: o desejo de estar contente, de estar satisfeito, de ser um burguês completo. Se o que se quer, quando estamos descontentes, é encontrar alguma coisa com a qual possamos estar absolutamente contentes, de modo a jamais ficarmos perturbados, então encontraremos um meio de obter alguma satisfação, e a insatisfação desaparecerá, deixará de existir.

Talvez seja isso o que estamos fazendo, a maioria de nós. Você vagueia pelas salas de conferência, vem aqui esperando algum tipo de satisfação, algum tipo de certeza, de segurança, alguma verdade gratificante. A maioria de nós encontra satisfação muito facilmente: na cozinha, em algum aspecto da religião, ou na política. Então, gradual e inevitavelmente, a mente se restringe, apequena-se, quando sua capacidade é tão imensa.

Se uma pessoa não está satisfeita com nada, se está descontente com todo o universo — como afirma o consulente, — não apenas insatisfeito por não possuir casa ou dinheiro — então esse descontentamento não tem causa; trata-se do

descontentamento em si, não por causa de algo. São raras as pessoas que têm essa chama de descontentamento. Talvez ela venha até aqui, ouça, e esse descontentamento aumente, torne-se devorador. Então, o que ela deverá fazer, ao se sentir totalmente insatisfeita com toda a estrutura do pensamento? Ela está impassível. Não está procurando, não está querendo, não está perseguindo isto ou aquilo: ela está inerte. E este conferencista também está impassível. O que ele diz é assim; não porque ele seja dogmático, supersticioso, romântico ou vaidoso. Ele afirma que, se você compreende a consciência com o seu conteúdo, e a libertação dessa consciência em relação a esse conteúdo, haverá uma dimensão totalmente diferente. Ele vem repetindo isso há cinquenta anos, não porque tenha inventado qualquer coisa, mas porque é assim.

Temos aqui duas identidades: uma completamente descontente; nada a satisfaz — palavras, livros, idéias, líderes, política — nada. Portanto, ela se encontra num estado de imobilidade. E a outra está igualmente imóvel: ela não se moverá, não se renderá. O que acontece? Dois seres humanos: um do mais profundo de sua mente e do seu coração, está totalmente insatisfeito, enquanto o outro, também do mais profundo da sua mente e coração, diz: “É assim”. Então, essas duas entidades se encontram. Não se trata de algo romântico, inventado pela imaginação. Isso é assim. Mas se uma pessoa se sente hostil com relação a outra, então ela já se moveu. Ela não permaneceu completamente insatisfeita. No momento em que ela diz: “Sinto-me hostil com relação ao senhor e ao que o senhor está falando” — ela já se moveu para longe do que está queimando. Ela já se abrandou. No entanto, a outra pessoa não sente nenhum antagonismo; ela diz: “É assim”. Quando a primeira pessoa encontra este conferencista, sem antagonismo, sem querer algo dele, ela fica desarmada. Nesse instante, ambas são a mesma coisa. Fogo é fogo. Não é o seu fogo, o meu fogo — é fogo. Quando o fogo se apaga, as duas são diferentes.

DESATENÇÃO

Pergunta: É fácil perceber profundamente a importância da consciência das ações interiores e exteriores; no entanto, tropeçamos tão facilmente na desatenção. É preciso que haja um Krishnamurti, os livros, os cassettes, para que nos mantenhamos alerta? Por quê? Por que essa lacuna entre a compreensão e a ação imediata?

Por que a desatenção é tão difícil, tão comum? Ela ocorre o tempo todo. Estar consciente do que acontece dentro da pele e do que acontece fora da pele — será preciso que alguém nos recorde isso?

As roupas não fazem o homem; ao vestir o hábito, o monge não se torna um santo. Ou as roupas servem para lembrar-lhe que é preciso estar constantemente atento — e então você depende das roupas — ou, sem essas vestes exteriores, você pode estar consciente e não tropeçar na desatenção?

Acaso a consciência, o que quer que ela seja, deve ser cultivada e desenvolvida através da prática, mediante uma afirmação como: “Preciso estar consciente”, ou meditando-se sobre essa consciência, ou, ainda, usando alguma coisa para lembrar-nos dela constantemente — quer seja um quadro, quer seja um cílio — algo tão desconfortável que somos constantemente lembrados de que devemos estar conscientes? Vamos descobrir o que significa estar consciente. Não pode-

mos saber tudo o que está acontecendo no mundo; o que os políticos estão fazendo, o que o Serviço Secreto está fazendo, o que o exército ou os cientistas estão fazendo; não sabemos o que o vizinho está fazendo, nem o que a mulher ou o marido estão fazendo no íntimo. Não se pode saber tudo. Mas podemos saber ou tornar-nos conscientes de nossa vida interior. Agora, esse movimento interior é diferente do movimento exterior? O que está no exterior — a poluição, a corrupção, a trapaça, a fraude, a hipocrisia, a violência — é muito diferente do interior de cada um? Ou é um movimento constante, como a maré que sobe e desce? Podemos estar conscientes desse movimento — podemos vê-lo e observá-lo? Nesse processo de observar esse fluir, esse movimento unitário, podemos fazer alguma escolha? Nessê movimento, a consciência está baseada na escolha? Podemos observar esse movimento — que é o próprio “eu” e o mundo, pois o mundo é o próprio “eu” — sem nenhuma escolha? Essa observação é consciência, que não temos que cultivar, e a cujo respeito ninguém precisa nos advertir, nem livros, nem *tapes*. Uma vez que constatemos por nós mesmos que esse movimento, tanto fora de nós mesmos quanto dentro de nós, é essencialmente semelhante, não precisamos de ninguém que nos lembre disso. Esse mesmo movimento é que criou o mundo, a sociedade, o exército, a marinha, o cientista, o político, e esse movimento é o “eu”. E nós podemos, seriamente, não enganando a nós mesmos, entrar de um modo profundo nessa consciência sem escolha, observando-a sem que ninguém nos dite normas? Temos que estar extremamente atentos.

Naturalmente, essa consciência não pode ser constante. Mas estar consciente de que ela não é constante é estar consciente da desatenção. Não se pode razoavelmente, sensatamente, dizer: “Vou estar alerta desde o momento em que acordar até o momento em que for dormir: — não se pode, a menos que sejamos neuróticos e pratiquemos, dizendo: “Vou estar alerta, vou estar alerta” — então isso se transforma em palavras sem significado. Mas se a pessoa percebe que a atenção, a consciência, não pode ser mantida durante todo o

tempo — o que é um fato — então, a desatenção, o não estar atento, tem o seu valor, tem o seu significado; porque na desatenção você descobre que não está atento.

O consulente pergunta: Por que existe uma lacuna entre a compreensão e a ação imediata? O que se quer dizer por compreensão? Alguém explica a natureza e a estrutura do átomo; ouvimos sua explicação atentamente e dizemos: “Sim: compreendo o que o senhor está dizendo.” Ou ouvimos um filósofo e dizemos: “Sim, compreendo a base de suas teorias.” Tudo isso é discernimento intelectual, compreensão. Essa é a função do intelecto: discernir, avaliar, analisar. Nesse nível, diz-se: “Eu compreendo”. O consulente pergunta: Por que existe uma lacuna entre esse tipo de compreensão e a ação imediata? Temos de compreender profundamente que a palavra nunca é a coisa e que a explicação nunca é a realidade. Agora, a compreensão ocorre quando a mente está tranqüila, e não apenas no nível intelectual. Você está me dizendo algo, algo sério, filosófico. Se minha mente está tagarelando, divagando, eu não posso compreender totalmente o que você está dizendo. Portanto, preciso ouvi-lo, não traduzir o que você está dizendo, ou interpretar o que você está dizendo, ou ouvir parcialmente porque estou com medo do que você poderia dizer, pois então a mente estará perturbada, movimentando-se, transformando-se, volátil. Enquanto que, se eu realmente quero ouvir o que você está dizendo, a mente precisa estar quieta. Então, haverá uma profundidade de compreensão que não é meramente intelectual ou verbal. Quando existe essa profunda percepção do que está sendo dito, seja falso ou verdadeiro — e podemos descobrir a verdade no falso — então, nesse estado de compreensão silenciosa, a ação é naturalmente imediata e não existe nenhuma lacuna entre os dois.

Quando uma pessoa está de pé à beira de um precipício, ela não argumenta; o intelecto não diz: argumentemos, dis-

cutamos sobre isso; a pessoa salta para fora do perigo. Ocorre aí uma ação imediata de autoproteção, que é saudável, natural, normal. Ninguém fica parado na frente de um ônibus que pode atropelá-lo, ou parado olhando para uma cobra venenosa ou para um animal. Trata-se de uma reação natural, instintiva, para salvar-se a si próprio. Se a percepção é completa — o que só pode ocorrer quando a mente está quieta, ouvindo; não aceitando, não negando, mas ouvindo — então essa percepção e essa ação são a mesma coisa.

COMPREENSÃO

Pergunta: *Compreendi as coisas sobre as quais falamos durante estes encontros, mesmo que apenas intelectualmente. Sinto que elas são verdadeiras num sentido profundo. Agora, quando eu voltar para a minha terra, deverei conversar com os amigos sobre os seus ensinamentos? Ou, sendo eu ainda um ser humano fragmentado, irei somente criar maior confusão e dano, conversando com eles a respeito?*

Todas as pregações religiosas dos padres, dos gurus, são proferidas por seres humanos fragmentados. Embora eles digam: “Estamos num nível elevado”, eles ainda são seres humanos fragmentados. E o consulente diz: Compreendi alguma coisa do que o senhor disse, parcialmente, não completamente; eu não sou um ser humano transformado. Eu compreendo, e quero relatar a outros o que eu compreendi. Não digo que eu tenha compreendido tudo; eu compreendi uma parte. Eu sei que se trata de algo fragmentado, eu sei que não é completo, eu não estou interpretando os ensinamentos, eu apenas estou dando uma informação sobre o que eu compreendi. Bem, o que há de errado nisso? Mas se você diz: “Eu captei tudo completamente, e estou lhe contando” — então você se torna uma autoridade, um intérprete; esse tipo de pessoa é um perigo: ela corrompe as outras pessoas. Mas se eu vi algo que é verdadeiro, eu não sou enganado; trata-se de uma verda-

de, e nisso há uma certa afeição, amor, compaixão; eu sinto isso muito fortemente — então, naturalmente, eu não posso deixar de ir aos outros; seria tolo dizer que eu não o farei. Mas eu advirto meus amigos, e digo: “Olhem, cuidado, não me ponham num pedestal”. Este conferencista não está num pedestal. Este pedestal, este estrado, existe apenas por conveniência; ele não me outorga qualquer autoridade. Mas, no mundo como ele é, os seres humanos estão presos a uma coisa ou outra — a uma crença, a uma pessoa, a uma idéia, a uma ilusão, a um dogma — eles foram corrompidos; e os corrompidos falam e nós, sendo um tanto corrompidos, nos juntamos à multidão.

Vendo a beleza destas colinas, o rio, a extraordinária tranqüilidade de uma fresca manhã, a forma das montanhas, os vales, as sombras, vendo como tudo é proporcional, vendo tudo isso, você não escreverá a seus amigos, dizendo: “Venham aqui, vejam isto?” Você não está preocupado com você mesmo, mas apenas com a beleza da montanha.

SEXO

Pergunta: Por que o sexo constitui uma parte tão importante na vida de todos nós?

Há uma filosofia particular, especialmente na Índia, chamada Tantra, que em parte encoraja o sexo. Eles dizem que através do sexo você alcança o Nirvana. O sexo é encorajado, a fim de que você vá além dele — e você nunca o faz.

Por que o sexo tornou-se tão importante em nossa vida? Tem sido assim, não só agora, mas sempre. Por que o sexo está tão profundamente arraigado no homem? — não estou me referindo à produção de filhos. Por quê? Provavelmente, o sexo é o maior prazer que um ser humano pode ter. Buscando esse prazer, surge toda espécie de complicações. Volumes têm sido escritos com explicações sobre essas complicações psicológicas. Mas os autores nunca perguntaram por que os seres humanos fizeram disso uma coisa tão importante em suas vidas.

Nossa vida é um turbilhão, é uma luta constante, sem nada de original, nada de criativo — estou usando a palavra “criativo” com muito cuidado. O pintor, o arquiteto, o escultor de madeira podem dizer que são criativos. Diz-se que a mulher que assa o pão na cozinha é criativa. E o sexo, dizem, também é criativo. Portanto, o que é ser criativo? Os pintores, os músicos e os cantores indianos com sua devoção, dizem que estão realizando um ato de criação. Será mesmo? Você aceita

Picasso como um grande pintor, um grande criador, pondo um nariz em três faces, ou o que quer que ele faça. Eu não o estou negando ou depreciando; eu só estou constatando. Isso é o que chamamos de criação. Mas isso tudo é criatividade? Ou criatividade é algo totalmente diferente? Você está vendo a expressão da criatividade numa pintura, num poema, numa prosa, numa estátua, na música. Ela é expressa de acordo com o talento de um homem, sua capacidade, grande ou pequena, pode ser o Rock moderno ou Bach — desculpem-me por comparar ambos! — pois não são nada comparáveis. Nós, seres humanos, aceitamos tudo isso como criativo porque traz fama, dinheiro, posição. Mas eu pergunto: isso é criatividade? Poderá haver criação, no sentido mais profundo dessa palavra, enquanto houver egoísmo, enquanto houver a procura de sucesso, dinheiro e reconhecimento — abastecendo o mercado? Não concorde comigo, por favor. Estou apenas fazendo observações. Não estou dizendo que sei o que é criatividade e que você não sabe; não estou dizendo isso. Estou dizendo que nunca questionamos essas coisas. Digo que existe um estado no qual há criação sem sombra do eu. Essa é a verdadeira criação; ela não necessita de expressão, não necessita de auto-realização; é criação. Talvez o sexo seja sentido como criativo e tenha se tornado importante porque tudo ao nosso redor é tão limitado: o trabalho, o escritório, ir à igreja, seguir algum filósofo, algum guru. Tudo isso nos privou da liberdade e, além disso, não estamos livres de nosso próprio conhecimento; pois o passado está sempre conosco.

Portanto, estamos privados de liberdade exteriormente e interiormente, pois gerações nos têm dito o que devemos fazer. E a reação a isso é: farei o que quiser — o que também é limitado, pois baseia-se no prazer, no desejo, na capacidade. Portanto, não há liberdade, quer exterior quer interiormente, especialmente interiormente, e só nos restou uma coisa, chamada sexo. Por que dar-lhe importância? Você atribui a mesma importância a ser livre do medo? Não. Você emprega a mesma energia, vitalidade e pensamento para acabar com a tristeza? Não. Por quê? Por que somente ao sexo? Porque

o sexo é o que há de mais fácil para se lidar. As demais coisas requerem toda a nossa energia, que só vem quando você é livre. Por isso, os seres humanos, naturalmente, em todo o mundo, atribuem a essa coisa uma tremenda importância na vida. E quando você atribui a algo que é somente uma parte da vida essa tremenda importância, você está se destruindo. A vida é um todo, não apenas uma parte. Se você atribui importância ao todo, então o sexo torna-se mais ou menos sem importância. Os monges, e todos aqueles que negam o sexo, dirigiram sua energia para deus, mas a coisa está fervendo dentro deles; a natureza não pode ser eliminada. Porém, quando você atribui toda a importância a essa coisa, então você está corrompido.

AUTORIDADE

Pergunta: O que o senhor quer dizer quando pede para pensarmos juntos? O senhor pretende que todos que o ouvem pensem com o senhor simultaneamente? O senhor não acha que isso é agir como um guru, levando pessoas a seguirem suas idéias, pensamentos e conclusões?

A palavra “guru” é uma palavra desacreditada. Creio que o seu verdadeiro significado é o de alguém que dissipa a ignorância, não o de alguém que adiciona sua ignorância à ignorância alheia. Ela tem outros significados também. No Ocidente, desde os tempos antigos, tem havido gurus: os padres, agindo entre você e o que eles chamam de deus ou salvador. Isso existiu também na Índia. O consulente pergunta: Quando este conferencista pede para pensarmos juntos, ele não está se colocando como um guru? Examinemos, então, o que este conferencista afirma quando diz: “Pensemos juntos.”

Pensar junto não é aceitar o que o conferencista está dizendo. Não é concordar com suas idéias, ou aceitá-las, ou concordar com as conclusões a que ele chegou. Este conferencista, na verdade, não tem conclusões. Mas ele diz: “pensemos juntos”, no sentido de que todos observemos juntos. Observe e descubra o que significa observar. Isso não lhe outorga qualquer autoridade. Você pode alçá-lo a autoridade, o que não seria bom, mas ele não tem autoridade e nega

qualquer espécie de seguidores. Se ele estivesse apresentando conclusões, ideais, etc., e estivesse aceitando discípulos, então ele estaria num processo de corrupção. Pois ele vem repetindo isso durante os últimos cinquenta anos.

Portanto, não há nenhum sentido de autoridade nisso. É muito simples: se ele fosse preconceituoso, se tivesse todas as espécies de conclusões nauseantes, compulsivas, neuróticas, isso significaria que ele estava querendo obrigá-lo a aceitá-las. Mas ele diz constantemente: partilhemos juntos o que estamos observando, lá fora e aqui dentro. Isso é tudo.

Aparentemente parece que você não é capaz de ficar sozinho: essa palavra “sozinho” significa “inteiramente só”. Quando você está realmente só, não contaminado, quando você está realmente livre, você é a entidade humana integral, você é o mundo humano. Mas nós temos medo de ficar sozinhos; nós queremos sempre estar com alguém, ou com uma idéia, ou uma imagem. Estar só não é solidão; a solidão tem a sua beleza: caminhar sozinho pela floresta, sozinho ao longo de um rio — não de mãos dadas com uma pessoa ou outra — mas sozinho na solidão, o que é diferente de isolamento. Se você está caminhando sozinho, você está observando o céu, as árvores, os pássaros, as flores e toda a beleza da terra, e também, talvez, você esteja observando a si próprio — não dialogando com você mesmo, não carregando os seus fardos às costas; você os deixou para trás. A solidão revela o seu isolamento, a sua vaidade, o seu sentimento de depressão. Quando você terminou com a solidão, há o outro, o isolamento, que não é uma conclusão ou uma crença — que não é uma propaganda que lhe diz o que significa olhar. O isolamento não o empurra para nenhum rumo; quando você é dirigido ou quando é guiado, você se torna um escravo e, portanto, perde a liberdade, totalmente, desde o início. A liberdade não está no fim, está no começo.

ESTAR QUIETO

Pergunta: O senhor parece colocar objeções até quanto ao fato de nos sentarmos quietos todos os dias para observar o mecanismo do pensamento. Isso, em sua definição, é uma prática, um método e, portanto, não tem nenhum valor?

Agora o consulente pergunta: O que há de errado em se sentar quieto todas as manhãs, por vinte minutos, à tarde, por outros vinte minutos, e talvez por outros vinte minutos à noite, ou por mais tempo — o que há de errado nisso? Sentando-se quieto, você pode relaxar, pode observar seu pensamento, suas reações, suas respostas e reflexos. O que motiva aqueles que se sentam quietos, sozinhos, ou juntos num grupo? Que motivo existe por trás do desejo de se sentar quieto durante meia hora, todos os dias? Não será importante descobrir por que você quer fazer isso? É porque alguém lhe disse que, se você se sentar quieto, terá experiências parapsicológicas, atingirá algum tipo de paz, algum tipo de compreensão, algum tipo de iluminação, ou algum tipo de poder? E, sendo um tanto fácil de iludir, você paga milhões de dólares para receber instruções e uma mantra que possa repetir. Algumas pessoas pagaram milhões de dólares a um homem que lhes dará algo em troca especialmente uma palavra do sânscrito — e elas o repetem. Você paga alguma coisa e recebe algo em troca; qual o motivo que está por trás disso? Por que

você está fazendo isso? Será por uma recompensa psicológica? Será porque, sentando-se quieto, você atingirá algum tipo de superconsciência? Ou será porque você quer aquilo que foi prometido por seu instrutor?

Logo, é importante — antes que você mergulhe em tudo isso — descobrir qual é o seu motivo, o que é que você quer. Mas você não o faz. Você é tão ansioso e fácil de iludir; alguém promete algo e você o quer. Se você examina o motivo, você vê que se trata do desejo de conseguir algo, como o desejo de um homem de negócios de ganhar um monte de dinheiro. Esse é o seu estímulo. Aqui, o estímulo psicológico é ter algo que um guru, ou instrutor, promete. Você não questiona o que ele promete, você não duvida do que ele promete. Mas se você perguntar ao homem que lhe está oferecendo algo: Isso vale a pena? Isso é verdadeiro? Quem é você para me dizer o que fazer? — então você descobrirá que sentar-se quieto, sem entender o motivo disso, leva a todas as espécies de problemas psicológicos ilusórios. Se essa é a sua intenção ao sentar-se quieto, então ela não vale a pena. Mas se, enquanto está sentado quieto, sem nenhum motivo, ou passeando quieto, sozinho ou com alguém, você observa as árvores, os pássaros, os rios e o brilho do sol nas folhas, nesse mesmo ato de observar você está observando a si próprio. Você não está se empenhando, não está fazendo nenhum esforço para conseguir alguma coisa. Os que estão comprometidos com certo tipo de meditação acham muito difícil jogar isso fora, pois a mente já está condicionada; eles fizeram isso durante muitos anos e estancaram aí. E se vem alguém e diz: “Que absurdo tudo isso!” — eles podem, num raro momento, tornar-se racionais e dizer: “Sim, talvez isso esteja errado.” Então começa o problema, o conflito, entre o que eles descobriram racionalmente, por si mesmos, e o que vinham praticando durante os últimos dez anos: uma batalha que se chama progresso, progresso espiritual!

A mente está sempre tagarelando, sempre perseguindo um pensamento ou outro, uma série de reações sensoriais após outra série de reações. A fim de fazer cessar essa tagare-

lice, você tenta aprender a se concentrar, forçando a mente a parar de tagarelar e, então, o conflito começa novamente. Isso é o que você está fazendo: tagarelando, tagarelando, falando sem cessar sobre nada. Agora, se você quer observar alguma coisa, uma árvore, uma flor, o perfil das montanhas, você tem que olhar, você tem que estar quieto. Mas você não está interessado nas montanhas, ou na beleza das colinas, e dos vales, e das águas; você quer chegar a algum lugar, conseguir algo, espiritualmente.

Não será acaso possível ficar quieto, naturalmente — olhar para uma pessoa, ou ouvir uma canção, ou ouvir o que alguém está dizendo quieto sem resistência, sem dizer: “Preciso mudar, preciso fazer isto, preciso, fazer aquilo” — apenas para estar quieto? Aparentemente, isso é muito difícil. Então você pratica métodos para estar quieto. Você vê a falácia disso? Praticar um método, um sistema, uma rotina regular diária, cujo resultado, você pensa, será, afinal, a quietação da mente; mas a mente nunca estará quieta; ela é mecânica; ela se transformou num padrão estabelecido, obtuso, insensível. Você não percebe tudo isso; você quer conseguir algo — uma iniciação! Oh, isso tudo é tão infantil!

Se você ouvir quieto, sem dizer que este conferencista está certo ou errado, sem dizer: “Estou comprometido com isto; prometi não desistir; eu sou isto, aquilo, aquilo outro” — se você ouvir o que está sendo dito, sem resistência, então o que você está fazendo é a sua própria descoberta; então sua mente, no próprio processo de investigação, torna-se quieta.

Portanto, nós, pessoas comuns, com todos os nossos problemas e confusões, podemos ficar quietos e ouvir todos os murmúrios de nossos próprios movimentos de pensamento? É possível sentar-se, ou ficar de pé, ou caminhar quieto, sem nenhuma recompensa ou desejo de experiências sensoriais superfísicas extraordinárias? Comece pelo nível mais racional, e então poderá ir muito longe.

ILUMINAÇÃO

Pergunta: O que é iluminação?

Ser iluminado a respeito de quê? Por favor, sejamos racionais. Por exemplo: uma pessoa é iluminada a respeito de seu relacionamento com outra. Isto é, a pessoa compreendeu que seu relacionamento com a outra está baseado na imagem que uma tem da outra, embora sejam íntimas. Essa imagem foi construída através de muitos anos de reação, indiferença, conforto, repreensão constantes, tudo o que acontece entre um homem e uma mulher. Portanto, o relacionamento se dá entre duas imagens. Isso é o que chamamos de relacionamento. Agora, se a pessoa percebe a verdade disso, diz-se que ela está iluminada a esse respeito. Ou a pessoa está iluminada sobre a violência: a pessoa vê claramente, sem distorção, todo o mecanismo da violência. Ou a pessoa percebe como surge a tristeza, e a cessação da tristeza se dá porque a pessoa está iluminada sobre ela. Mas não é isso o que queremos dizer. Queremos dizer algo mais: “Sou um iluminado; vou lhe falar a respeito; venha até mim”.

Se examinarmos o que é a iluminação, o esclarecimento, a voz da verdade, então precisaremos tratar com cuidado a questão do tempo. As chamadas pessoas iluminadas dizem que você só a consegue com o tempo, gradualmente, vida após vida — se você acredita em reencarnação — até que você chegue ao ponto em que se torna um iluminado — a respeito

de tudo. Elas dizem que se trata de um processo gradual de experiência, de conhecimento, um movimento constante do passado para o presente e o futuro: um ciclo. Agora, será acaso a iluminação, a coisa derradeira, uma questão de tempo? Será? Será um processo gradual, isto é, um processo de tempo, o processo da evolução, a transformação gradual? Precisamos compreender a natureza do tempo; não o tempo cronológico, mas a estrutura psicológica que admite o tempo: “Eu espero chegar lá, um dia”. O desejo, que é parte da esperança, diz: “Eu chegarei lá, um dia”. As chamadas pessoas iluminadas não são iluminadas, pois no momento em que dizem: “Estou iluminada”, não estão. Trata-se de uma vaidade delas. É como se alguém dissesse: “Eu sou realmente humilde” — quando alguém diz isso, você sabe o que ele é. A verdadeira humildade não é o oposto de vaidade. As pessoas que afirmam que são iluminadas dizem que você precisa conseguir isso, passo a passo, praticar isto, fazer aquilo, não fazer isto; torne-se meu discípulo e eu lhe direi o que fazer; eu lhe darei um nome indiano, ou um novo nome cristão, e assim por diante. E você, um ser humano irracional, aceita esse absurdo. Então você pergunta: o que é essa iluminação suprema? Uma mente, que não possui nenhum conflito, nenhuma sensação de luta, de atividade, de movimento, de realização.

É preciso entender essa questão do tempo psicológico, da constante transformação, ou não-transformação — que são o mesmo. Quando a transformação baseia-se na mente, ela condiciona todo o seu pensamento, toda a sua atividade; então, é uma questão de usar o tempo como um meio de realização. Mas existirá essa transformação? “Eu sou violento, eu serei não-violento”. Isso quer dizer que a transformação é uma idéia. Eu sou violento e projeto a idéia de não ser violento; portanto, crio a dualidade; o violento e o não-violento, e então há conflito. Ou eu digo: “Preciso controlar-me, preciso eliminar, preciso analisar, preciso ir a um psicólogo, preciso ter um psicoterapeuta.”

Sem criar o oposto, o fato é violência. O fato. A não-violência é não-fato. Se você vê a verdade de que eu sou

violento, o conceito de não-violência produz esse conflito entre os opostos; o não-fato não tem nenhum valor. Agora, para observar todo o mecanismo da violência, da ira, do ciúme, do ódio, da competição, da imitação, do conformismo, faça-o sem que ninguém lhe diga como, sem nenhum motivo. Se você o fizer, será o fim da violência, que é percepção e ação imediatas.

Portanto, podemos ver que a iluminação, o senso da realidade fundamental, não é de tempo. Isso vai contra toda a psicologia do mundo religioso, os cristãos com seus salvadores, seus sábios, suas verdades supremas.

Percepção é ação, não-percepção, intervalo e, portanto, ação. No intervalo nasce a idéia. A mente, o cérebro, toda a estrutura humana nervosa e psicológica, pode libertar-se desse fardo de um milhão de anos de tempo, de modo que você veja algo claramente; portanto, essa ação, invariavelmente, é imediata. Essa ação será racional, não irracional. Essa ação pode ser explicada logicamente, com sensatez.

Essa coisa fundamental, que é a verdade, não deve ser alcançada através do tempo. Ela jamais pode ser *alcançada*; ela está lá; ou não está lá.

EXPERIÊNCIAS EXTRA-SENSORIAIS

Pergunta: As pessoas falam sobre experiências além dos sentidos. Parece que há uma fascinação nessas experiências, mas a vida daqueles que pretendem tê-las experimentado parece que continua tão medíocre quanto antes. O que são essas experiências? São parte da iluminação ou um passo em sua direção? E, se assim for, o que é iluminação?

É estranho — não é? — que você esteja sempre discutindo sobre iluminação, sobre o que este conferencista disse, ou sobre o que alguém mais falou. Você nunca diz: “Olhe, trate-se da minha vida. Estou sofrendo muito, estou muito triste; como devo resolver tudo isto?” — Em todos os lugares em que este conferencista tem estado, surge sempre esse tipo de pergunta. Vocês não perguntam como irão viver este mundo, que é tão corrupto, onde não há justiça; e vocês são parte de tudo isso. Por que não fazemos uma pergunta realmente profunda, fundamental, sobre nós mesmos? Por que jamais perguntamos: “Não me parece que eu tenha amado; conheço todas as descrições de amor; sei quando digo à minha namorada, ou à minha mulher: ‘Eu te amo’. — Eu sei que isso não é amor. É sexo, prazer sensorial, desejo, companheirismo. Eu sei que tudo isso não é aquele botão que desabrocha, que tem beleza, que tem criatividade?” Mas você me faz perguntas sobre iluminação — por quê? Será porque está com medo,

será porque você não pode suportar ver o que você é — a falsidade, a feiúra, a mesquinhez, a vulgaridade, a mediocridade disso tudo? E, se você descobrir o que você realmente é, por favor, ajude-me, diga-me o que fazer. Surge, então, a figura do pai.

Aparentemente, nós nunca enfrentamos a nós mesmos. Evitamos isso a qualquer custo. Aí está por que nos tornamos tão irracionais e por que somos explorados por todas essas pessoas. Trata-se realmente de uma tragédia: pessoas adultas — pelo menos achamos que somos adultos — brincando com tudo isso, e não chegando à raiz das coisas, que somos nós mesmos. Temos que ser forçados, estimulados, impelidos a encarar a nós mesmos, por alguém. Nós nunca, sob nenhuma circunstância, encaramos isto; é por isso que não há mudança em nós.

A vida, o viver de todos os dias, é uma experiência vasta, tremenda, com suas alegrias, prazeres, ansiedades, seu fardo de tristeza e injustiça em torno de nós; e a pobreza, a superpopulação, a poluição; e a falta de energia em nós mesmos. A vida é uma experiência tão complexa. No entanto, nós nos aborrecemos com ela. Nós não somos capazes de encará-la. Nós não nos sentimos responsáveis por ela. Nós nos consideramos à parte de tudo isso. Essa separação é falaciosa, irreal, irracional, porque nós somos isso, nós criamos isso tudo, cada um de nós. Somos parte de tudo isso que não queremos encarar. Então, aborrecidos, exaustos pelas trivialidades da vida, vamos e pedimos a alguém, pagamos a esse alguém para que nos inicie, para que nos dê um nome novo, na esperança de ter novas experiências.

Portanto, precisamos compreender a natureza da vida de todos os dias, as irritações, o tédio, a solidão e o desespero de cada dia. No entanto, em vez de encarar tudo isso, de entender, de arrumar tudo isso, queremos experiências supra-extra-sensoriais, quando nem sequer entendemos a atividade da reação quotidiana dos sentidos.

Quando compreendemos isso tudo realmente e vivemos de tal modo que a vida de tédio e solidão de todos os dias, a

ansiedade por algo melhor, é depurada; quando nos livramos de tudo isso, e as profundezas se esclarecem; quando essa base estiver assentada, então, quando enxergamos além disso, percebemos que a mente que está exigindo experiências extrasensoriais ainda se encontra no estado de ser condicionada pelos sentidos. Então, é uma mente sem experiência alguma.

“INSIGHT”

Pergunta: *Atualmente, insight é uma palavra usada para descrever qualquer coisa que é vista de uma nova forma, ou qualquer mudança de perspectiva. Esse insight todos nós conhecemos. Mas o insight do qual o senhor fala parece muito diferente. Qual é a natureza desse insight do qual o senhor fala?*

Se você compreendeu com *insight*, toda a sua vida cotidiana será afetada.

A primeira parte da pergunta refere-se ao tipo de experimentos levados a cabo com os macacos. Pendure um cacho de bananas, e um macaco toma uma vareta, bate no cacho e as bananas caem; diz-se que o macaco teve um *insight*. Há o outro macaco, que empilha peças de mobília uma sobre a outra; por esse meio ele alcança as bananas. Isto também é chamado de *insight*. Há também experiências com ratos; eles têm que fazer todos os tipos de truques, apertar este botão, ou aquele botão, para chegar ao alimento. Isso também é chamado de *insight*. Através de experimentos, através de tentativa e erro, através da tentativa constante deste botão e do outro botão, o botão certo finalmente é pressionado e a porta da armadilha se abre. Esse processo do chamado *insight* baseia-se essencialmente no conhecimento, e isso é o que todos nós estamos fazendo. Você pode não chamar isso de *insight*, mas esse é o processo real de nossa atividade. Tente isto; se

não der certo, tente aquilo. De um ponto de vista médico, físico, sexual, e do que chamamos de espiritual, estamos fazendo isso o tempo todo. Tentando, experimentando e realizando, o que se torna conhecimento adquirido e, a partir desse conhecimento, agimos. Isto é chamado de *insight*.

Estamos nos referindo a um *insight* que é algo inteiramente diferente. Quando o macaco aperta aquele botão e consegue um resultado, seu cérebro gravou, memorizou aquele botão como o que dá aquele resultado; isso se torna automático. Então o experimentador muda o botão. O macaco aperta o botão original, mas o botão não funciona; então ele fica perturbado. Isso é o que acontece com você. Através do experimento, através da tentativa, você encontra um meio conveniente de viver. Isso, então, chama-se *insight*. Esse *insight* baseia-se na repetição do conhecimento. O conhecimento é adquirido ou descartado. Esse *insight* sempre se baseia no conhecimento, e conhecimento é passado. Não há conhecimento do agora, ou do futuro.

O cérebro está acostumado a um botão, a um padrão; ele não aceitará uma mudança básica, ele não sabe onde ficam os botões, como o macaco; se os botões são constantemente trocados, o cérebro desiste; fica imóvel, paralisado, e não sabe o que fazer. Você pode ver tudo isso no seu próprio "eu"; não sabendo o que fazer, você corre e pergunta a alguém que botões apertar.

Estamos falando sobre algo muito sério. Essa transformação constante que acontece pelo mundo produz uma sensação de inatividade paralisante. Não conseguimos fazer nada. Podemos ir para um mosteiro, mas isso também é imaturo, infantil demais quando você está enfrentando algo terrível. Portanto, a menos que haja uma transformação nas próprias células do cérebro, repete-se apenas o mesmo processo de apertar botões. A menos que o cérebro — que é composto de um milhão, de um trilhão, ou de qualquer número que seja de células — passe por uma transformação radical, ele irá repetir o antigo padrão, até chegar, incerto, inseguro, a um estado paralisante de inação e, uma vez paralisado, sairá

para pedir ajuda a alguém. Isto é o que estamos fazendo.

Acaso, as células desse cérebro podem se transformar — não através de operações, não através de novas drogas, não como resultado da aplicação de novos modos de investigação científica? Se não, continuaremos repetindo eternamente esse padrão de certeza, incerteza, certeza, incerteza.

Afirmo que elas podem ser transformadas. Esse movimento da certeza para a incerteza, e vice-versa, é um padrão de tempo. O cérebro está acostumado a isso — essa é a razão de todas essas perguntas sobre iluminação, métodos, etc. Este conferencista afirma que elas podem ser transformadas, racionalmente, não de uma maneira ilusória, fantasiosa, romântica. O cérebro, a mente e também os nervos, o todo, pode observar a si próprio. O que significa ausência total de direção, de motivo. Quando não há nenhum motivo ou direção, o mecanismo já se transformou. O cérebro está acostumado a funcionar com motivos e, não havendo nenhum motivo na observação, a pessoa transforma todo o *momentum* do passado. Quando não há nenhum motivo, nenhuma direção, a mente torna-se absolutamente quieta. Há uma observação interior e essa observação é *insight*. Portanto, o padrão ao qual as células cerebrais se acostumaram foi rompido.

Nós fomos educados para ideais — o maior, o mais nobre, o melhor. O ideal tem-se tornado mais importante do que “aquilo que é”. “Aquilo que é” e o ideal são opostos, e levam forçosamente ao conflito. Olhe o que você está fazendo: o ideal é a criação do pensamento a fim de superar “o que é”, ou usar o futuro como uma alavanca para mudar “o que é”. Você está usando um não-fato para lidar com um fato. Portanto, não há resultado; desse modo, nunca poderá haver uma transformação. É tão simples quando você percebe isso. Descarte o ideal, pois ele é inútil e observe somente o fato. O fato de você descartar o ideal transforma o padrão das células cerebrais; o cérebro viveu segundo esse padrão e agora esse

padrão está rompido. A pessoa viveu na esperança de que iria transformar-se gradualmente; então, ela vê que essa graduação, na verdade, é a mesma coisa repetida, modificada, repetida, modificada, repetida — não havendo, portanto, nenhuma transformação básica. Quando você percebe isso, toda a estrutura do seu cérebro se transforma: isso é *insight*.

ALÉM DA MEDIDA

Pergunta: Acho que posso resolver os meus problemas. Eu não preciso da ajuda de ninguém. Tenho energia para fazê-lo, mas, além disso, venho para receber — e, se o senhor não gosta dessa palavra — para partilhar algo incomensurável para um homem, algo de grande profundidade e beleza. O senhor pode partilhar isso comigo?

Nossos problemas podem ser solucionados sem a ajuda de outrem; eles são criados por nós em nosso relacionamento com os outros; e, embora sutis, embora superficiais ou grandes, eles podem ser solucionados se aplicarmos nossa mente e coração na sua solução — isto é, se não formos negligentes ou preguiçosos.

Mas o consulente quer ir muito mais longe. Ele vem aqui para partilhar algo que ele chama de “incomensurável para um homem” (nas palavras de Coleridge), algo além de toda medida, algo que não se recebe ‘nas igrejas. A primeira coisa é ser claro quanto ao que entendemos por medida — pois ele usa a palavra “incomensurável”. A distância pode ser medida. A assim chamada evolução progressiva pode ser medida. No passado nós fomos isto; mediante o encontro com o presente, o passado é modificado e dá o impulso para o futuro. Isso pode ser medido. O pensamento é um processo material que pode ser medido — a superficialidade do pensamento de uma

pessoa, os pensamentos mais profundos. O mais e o menos sempre podem ser medidos. A comparação é um processo de mensuração. A imitação e a conformidade podem ser medidas.

Enquanto houver medição, a mente só pode funcionar nessa medição. A mente, o cérebro, através do treinamento e do costume, cai no hábito da mensuração. Haverá alguma coisa que não seja mensurável? Haverá tal coisa? Pode a mente, o cérebro e o coração — que são todos uma só coisa — pode essa estrutura ser livre de mensuração?

O cérebro — que se desenvolveu através dos tempos, milhões e milhões de anos — é o cérebro comum da humanidade. Podemos não gostar de constatar isso, porque estamos acostumados à idéia de que nossos cérebros são individuais. Esse conceito de individualidade tem sido a tradição através de milênios. Esse cérebro está constantemente medindo — o mais, o menos, o melhor e o ótimo — está constantemente funcionando segundo esse padrão. Mas o consulente vem partilhar algo que é incomensurável ao homem.

Como, então, vamos descobrir se há algo além de toda a medida, isto é, além de todo o tempo — se o tempo é mensuração? Tempo é movimento. Pensamento é movimento. Tempo é pensamento. O pensamento nasce da memória, da experiência, do conhecimento. Este é um processo material, porque nas próprias células do cérebro as memórias são armazenadas. Tudo o que o cérebro cria é um processo material.

Insight é a percepção total de todo esse movimento complexo de mensuração. Você só pode ter esse *insight* quando percebe sem conhecimento prévio, pois, se estiver usando seus conhecimentos, então ele é comparativo, mensurável. O *insight* não é mensurável. Quando há o *insight* imensurável, o desdobramento de todo o mecanismo de comparação não só é divisado, mas cessa imediatamente. Você pode testar isso; você não tem que aceitar a palavra deste conferencista.

Portanto: o que está além da medida? Para descobrir isso precisamos estar livres do medo, do medo profundamente arraigado, consciente ou inconsciente. Medo é algo que

pode ser observado e resolvido, porque a raiz do medo — não as várias ramificações e folhas dessa árvore — é o tempo. Temos medo do amanhã. Temos medo do que aconteceu. A dor física que sentimos se foi, mas o medo de que ela possa ocorrer novamente permanece. Psicologicamente, fizemos algo de errado, de desonroso, e sentimos medo. Psicologicamente, medo é tempo: “Tenho medo de morrer. Estou vivo agora, mas apavora-me o que poderia acontecer”: essa é a mensuração do tempo. A raiz do medo é o tempo e o pensamento. Ter um *insight* a esse respeito representaria a cessação total do medo.

A cessação do medo significa a compreensão do tempo e o fim da tristeza. Se a mente e o cérebro estão livres da tristeza e do medo, então pode haver alguma outra coisa. Mas nós queremos estar certos disso, queremos que isso nos seja garantido, como um bom relógio: essa é a mentalidade comercial. Não há garantia, e nisso está a beleza de tudo. Isso nós temos que fazer pela coisa em si, não por uma recompensa. E isso é muito difícil para a maioria das pessoas. Se damos algo em troca, trata-se de um ato de mensuração. Então, pode a mente ser livre de toda a mensuração — especialmente em seu relacionamento com outra pessoa, o que é mais difícil? Quando ficamos livres de toda a mensuração, então ocorre algo totalmente diferente. Quando aquilo que ocorre além da medida é descrito, ele deixa de ser mensurável. Você pode descrever a montanha, a sua forma, o seu perfil, as sombras; você pode pintá-la, fazer um poema sobre ela, mas tudo isso não é a montanha. Nós nos sentamos no vale e dizemos: “Por favor, fale-nos sobre a montanha.” Nós não vamos até lá. Queremos sentir-nos confortáveis. Existe algo além de toda a medida.

CONSCIÊNCIA

Pergunta: O que é a nossa consciência? Há dois níveis diferentes de consciência? Há uma consciência além daquela da qual somos normalmente côncios? É possível esvaziar o conteúdo da consciência?

Podemos usar palavras e fornecer descrições, mas o que é nomeado e descrito não é o fato; logo, não se deixe apanhar pela descrição.

O que é a nossa consciência? É estar consciente de, é estar côncio do que está acontecendo, não só fora de nós, mas também dentro de nós; o mecanismo é o mesmo. Nossa consciência é o produto de nossa educação, de nossa cultura, da herança racial e é também o resultado de nosso próprio esforço. Todas as nossas crenças, dogmas, rituais, conceitos, ciúmes, ansiedades, prazeres, o nosso assim chamado amor — tudo isso é a nossa consciência. Trata-se de uma estrutura que se desenvolveu através de milênios e milênios — através de guerras, lágrimas, tristezas, depressão e arrogância: tudo isso constitui a nossa consciência. Você pode modificá-la, você pode poli-la, mas você tem que aceitá-la, fazer o melhor dela; ela está lá. Sem esse conteúdo, a consciência, como a conhecemos, não existe.

O consulente pergunta: É possível esvaziar a consciência de todo o seu conteúdo — tristezas, conflitos, lutas, as terríveis relações humanas, brigas, ansiedades, ciúmes, a afei-

ção, a sensualidade? Esse conteúdo pode ser esvaziado? Se ele for esvaziado, haverá uma espécie diferente de consciência? A consciência tem diferentes camadas, diferentes níveis?

Na Índia, os povos antigos dividiam a consciência em inferior, superior e uma acima da superior. E essas divisões são mensuráveis pois, no momento em que há divisão, deve haver mensuração, e onde há mensuração deve haver esforço. Qualquer que seja o nível que a consciência possa ter, ele ainda está dentro da consciência. A divisão da consciência é mensuração e, portanto, pensamento. O que quer que seja que o pensamento tenha construído é parte da consciência, embora você tenha decidido dividi-lo.

É possível esvaziar completamente o conteúdo da consciência. A essência desse conteúdo é o pensamento, que construiu o “eu” — que é ambicioso, voraz, agressivo. Esse “eu” é a essência do conteúdo da consciência. Pode acaso o “eu”, com toda a sua estrutura de egoísmo, ser totalmente eliminado? Este conferencista assegura-lhes que sim: “Ele pode ser eliminado, completamente. Isso significa que não há um centro a partir do qual você está agindo, não há nenhum centro a partir do qual você está pensando. O centro é a essência da mensuração, que é o esforço de transformação. Essa transformação pode cessar? Você pode dizer: “Provavelmente sim; mas o que haverá no fim dela, se pusermos um fim a essa transformação?”

Antes de mais nada, descubra por si mesmo se essa transformação pode acabar. Você pode abandonar, acabar com algo de que gosta, que lhe dá algum prazer profundo, sem um motivo, sem dizer: “Eu posso fazê-lo, se houver algo no fim disso?” Você pode acabar imediatamente com algo que lhe dá grande prazer? Veja como isso é difícil. É como um homem que fuma: foi envenenado pela nicotina e, quando pára de fumar, seu corpo anseia por ela, e então ele toma alguma outra coisa para satisfazer o corpo. Afinal: você pode acabar com algo racionalmente, claramente, sem nenhum motivo de recompensa ou de punição?

O egoísmo dissimula-se de várias maneiras: buscando

a verdade, no serviço social, vendendo-se a uma pessoa, a uma idéia, a um conceito. É preciso que estejamos incrivelmente cômicos de tudo isso, e isso requer energia, toda a energia que está agora sendo desperdiçada em conflito, em medo, em tristeza, em todas as lides da vida. Essa energia também está sendo desperdiçada na assim chamada meditação. Esta requer uma enorme energia, não energia física, mas uma energia que jamais tenha sido desperdiçada. Portanto, a consciência pode ser esvaziada e, quando ela é esvaziada, podemos ou não descobrir que há algo mais — isso depende de cada um. Podemos querer algo como garantia, mas não há garantia.

MEDIOCRIDADE

Pergunta: *Por que será que quase todos os seres humanos, à parte seus talentos e capacidades, são medíocres? Eu sei que sou medíocre. Parece que não sou capaz de romper com essa mediocridade.*

Você está cômico de que é medíocre? Responda-o por si mesmo. Medíocre significa nem alto e nem baixo, apenas pairar entre os dois. Os grandes pintores, os grandes músicos, os grandes arquitetos, têm capacidades e talentos extraordinários, mas em sua vida cotidiana são como você e eu, como qualquer outra pessoa. Se você está cômico de que é medíocre, o que isso significa? Você pode ter grande talento como escritor, escultor, músico, professor, mas isso tudo é um adorno exterior, uma aparência exterior, que esconde uma pobreza interior. Sendo pobre interiormente, estamos sempre nos esforçando por ser algo mais nobre. Tentando preencher essa insuficiência com a última bisbilhotice sobre política, com os últimos rituais, as últimas meditações, o último isto e aquilo: tudo isso é um ato de mediocridade. Esta sensação de mediocridade aparece como respeitabilidade exterior. E existe um outro tipo de revolta contra a mediocridade: os *hippies*, os cabeludos, os barbudos, os últimos marginais. O mecanismo é o mesmo. Ou você se integra numa comunidade, pois interiormente não há nada em você; integrando-se, você se torna importante, e há ação. Quando você está cômico dessa medio-

cidade, dessa total sensação de insuficiência, essa sensação de frustrante solidão profunda, você percebe que ela está oculta por todo tipo de atividades. Se você está cômico disso, então o que é essa solidão, essa insuficiência? Como você mede essa insuficiência? — pois essa mensuração é ilimitada; você continua medindo, medindo; isso não tem fim. Agora, essa observação comparativa pode terminar? Se pode, haverá insuficiência?

Essa mediocridade, que todos nós parecemos ter, pode ser rompida quando não há sensação de comparação, de mensuração. Isso lhe dá uma liberdade imensa. Quando há liberdade psicológica completa, não há sensação de mediocridade. Você está inteiramente fora dessa classe — existe então um estado mental totalmente diferente.

APEGO

Pergunta: O apego produz uma espécie de permuta emocional, um calor humano, que parece ser uma necessidade fundamental. O desapego produz frieza, falta de afeição, uma quebra de relacionamento; ele também pode magoar profundamente os outros. Parece que há algo errado nessa abordagem. Qual é a opinião do senhor?

A palavra “apegar-se” significa pegar, agarrar, ter a sensação de que você pertence a alguém e de que alguém pertence a você. Cultivar o desapego dá origem à falta de afeição, à frieza, a uma quebra no relacionamento, que desenvolve o sentimento oposto. Naturalmente, isto é o que vai acontecer. Se o desapego é o oposto do apego, então esse desapego é uma idéia, um conceito, uma conclusão que o pensamento gera como resultado da percepção de que o apego produz muito transtorno, muito conflito, ciúme, ansiedade. Então, o pensamento diz: “É muito melhor ser desapegado.” O desapego é um não-fato, enquanto que o apego é um fato. Quando há apego, cultivar o desapego é um movimento rumo à ilusão e, nessa ilusão, você se torna frio, duro, amargo, isolado, sem nenhuma sensação de afeto. Isto é o que todos nós estamos fazendo: vivendo um não-fato.

Você pode enfrentar o fato de que está apegado — não apenas a uma pessoa, a uma idéia, a uma crença, mas às suas

próprias experiências, o que é muito mais perigoso? Suas próprias experiências lhe dão uma sensação de excitação, uma sensação de que você está vivo.

Se estamos cômicos de que estamos apegados, vemos todas as conseqüências desse apego — ansiedade, falta de liberdade, ciúme, ira, ódio. No apego há também uma sensação de segurança, uma sensação de estabilidade, uma sensação de que estamos guardados, protegidos. E, assim, há o possuidor e o possuído, e por isso deve haver ciúme, ansiedade, medo e tudo o mais. Agora, você percebe as conseqüências disso tudo — não a descrição disso tudo, mas a realidade disso tudo? Estou apegado a você do fundo de minha solidão, e esse apego, nascido da solidão, diz: “Eu amo você.” Eu sinto uma comunicação, porque você também está na mesma posição. Duas pessoas se unem por causa de sua solidão, de sua depressão, de sua infelicidade. Portanto, o que acontece? Eu não estou me unindo a você, mas à idéia, a algo que me irá ajudar a fugir de mim mesmo.

Você pode estar apegado a uma experiência, a um incidente, que lhe causou uma grande excitação, uma grande sensação de orgulho, uma sensação de poder, uma sensação de segurança, e você está se prendendo a isso. Essa experiência, que você teve, o que foi? Essa experiência está registrada na sua mente e você a agarra. Isso a que você está se agarrando está morto, e você também está se tornando morto. Se você percebe tudo isso, sem que ninguém lhe diga, sem nenhum motivo, fique bem atento, e somente então você verá que o *insight* revelará a coisa toda como num mapa. Havendo esse *insight*, a coisa desaparece completamente e você não está mais apegado.

ESCOLAS E FUNDAÇÕES

Pergunta: O senhor tem falado tanto contra organizações; então, por que tem escolas e fundações? E por que faz conferências?

Um grupo de nós viu a necessidade de ter uma escola. “Escola” vem da palavra grega para lazer — lazer onde aprender, um lugar onde estudantes e professores podem desabrochar, um lugar onde uma geração futura possa ser preparada, pois para isso servem as escolas, não só para produzir seres humanos como instrumentos mecânicos, tecnológicos — embora empregos e carreiras sejam necessários — mas também desabrochar como seres humanos, sem medo, sem confusão, com grande integridade. E como gerar esse ser humano “bom”? — Estou usando a palavra “bom” em seu sentido próprio, não no sentido de respeitável, mas no sentido de um ser humano total, não fragmentado, não esmagado. Embora seja muito difícil encontrar professores “íntegros”, estamos tentando, na Índia (onde há cinco ou seis escolas), na Califórnia, no Canadá e aqui, fazer com que essas escolas sejam verdadeiros centros de entendimento e de compreensão da vida. Esses lugares são necessários; aí está por que temos essas escolas. Pode ser que nem sempre sejamos bem sucedidos, mas talvez, depois de dez anos, uma ou duas pessoas possam sair delas como seres humanos completos.

As Fundações na América, no Canadá, na Índia e aqui

existem apenas para publicar livros, organizar estas reuniões, ajudar as escolas — não como centros de “iluminação” e esse negócio todo. E ninguém está tirando nenhum proveito delas.

Agora, por que é que eu faço conferências? Essa é uma pergunta freqüente. “Por que você continua gastando suas energias depois de cinquenta anos, quando ninguém parece mudar? Por que se importa com isso? Isso é uma forma de auto-realização? O senhor cria energias ao falar sobre essas coisas e, portanto, depende da audiência?” Temos passado por tudo isso várias vezes.

Antes de mais nada, eu não dependo de vocês como um grupo que vem ouvir o conferencista. Este não está ligado a nenhum grupo em particular, nem está precisando de uma assembléia. Então, qual é o motivo? Penso que, quando alguém vê algo verdadeiro e belo, ele quer contar às pessoas sobre isso, por afeição, por compaixão, por amor. E se há aqueles que estão interessados talvez possam reunir-se. Você pode perguntar à flor por que ela cresce, por que tem perfume? É pela mesma razão que faço conferências.

RESPONSABILIDADE

Pergunta: Você diz que, fundamentalmente, minha mente trabalha exatamente igual à de qualquer outra pessoa. Por que isso me faz responsável pelo mundo todo?

O que este conferencista disse foi: aonde quer que você vá, por todo o mundo, seres humanos sofrem, estão em conflito, sentem ansiedade e incerteza. Tanto psicológica como fisicamente, há muito pouca segurança; há medo, há solidão, há desespero e depressão. Esta é a sorte comum de seres humanos, quer eles vivam na China, no Japão, na América, na Rússia ou aqui — todo mundo passa por isso. A vida é assim. E como ser humano você é o mundo todo, psicologicamente. Você não está separado do homem que está sofrendo, aflito e solitário, na Índia ou na América. Você é o mundo e o mundo é você. Este é um fato que muito poucas pessoas percebem, não um conceito filosófico, uma idéia, mas um fato — como quando você tem uma dor de cabeça. E quando uma pessoa percebe isso profundamente, então surge a pergunta: qual é a minha responsabilidade? Estamos fazendo esta pergunta um ao outro, por favor. Quando você percebe isso, não verbalmente, mas em seu sangue, que você não é mais um indivíduo — o que é um grande choque para a maioria das pessoas; pensamos que nossas mentes, nossos problemas, nossas ansiedades são só nossas, pessoalmente — quando vemos a verdade desta

questão, então qual é a nossa responsabilidade? Qual é nossa responsabilidade globalmente — não só por nossa família, mulher, filhos — mas por toda a humanidade, porque nós somos a humanidade? Temos nossas ilusões, nossas imagens de Deus, nossas imagens do céu, nossos rituais, exatamente como o resto do mundo, só que com nomes diferentes, mas o padrão é o mesmo.

Qual é sua reação, quando você sente que você é a humanidade? Como você reage ao desafio? Como você enfrenta qualquer desafio? Se você o enfrenta a partir de seu próprio velho condicionamento individual, sua reação, naturalmente, será totalmente inadequada e fragmentária e, de certo modo, pretensiosa. Portanto, você tem que descobrir qual é sua resposta para este grande desafio. Sua mente enfrenta-o com grandeza, ou com seus medos, ansiedades, as pequenas preocupações com você mesmo?

A responsabilidade depende da resposta ao desafio. Trata-se apenas de uma agitação, de um apelo romântico, ou de algo profundo, que transformará toda a sua maneira de ver a vida? Então você não é mais britânico, americano, francês. Você desistirá de tudo isso? Ou apenas brincará com a idéia de que isso é um conceito utópico maravilhoso?

URGÊNCIA DE MUDAR

Pergunta: *Quando eu ouço o que o senhor diz, sinto uma urgência de mudar. Mas quando volto para casa, essa urgência enfraquece. O que devo fazer?*

O que você deve fazer? Essa urgência de mudar é devida ao conferencista, ou influenciada por ele? Enquanto você está aqui, você está sendo encurralado; mas quando você sai, a coisa é diferente. Isso significa que você está sendo desafiado, influenciado, levado, persuadido; mas quando isso passa, você continua onde estava.

Agora, o que devemos fazer? Por favor, consideremos cuidadosamente a resposta certa para isso. O que devemos fazer? Eu venho de um lugar distante para esta reunião. É um lindo dia. Armei uma barraca e estou realmente interessado. Eu tenho lido, não somente o que o conferencista disse, mas muita coisa mais. Conheço os conceitos cristãos e budistas, a mitologia hindu, e tenho também feito diferentes formas de meditação, a T. M., a tibetana, a hindu e a budista. Mas não estou satisfeito com tudo isso. Então eu venho aqui e ouço. Agora: eu estou preparado para ouvir completamente? Eu não posso ouvir completamente se eu trazer o meu conhecimento aqui, comigo. Não posso ouvir ou aprender, ou compreender completamente, se pertenço a alguma seita, se estou ligado a um conceito em particular e se eu também quero somar a tudo isso aquilo que é dito aqui. Eu devo vir, se

sou sério, com uma mente livre, com uma mente que diz: “Vamos descobrir, pelo amor de Deus” — e não: “Eu quero acrescentar o que o senhor está dizendo àquilo que eu já sei”.

Portanto, qual deverá ser a nossa atitude? Este confrencista vem repetindo constantemente: a liberdade é absolutamente necessária. Primeiro, a liberdade psicológica, não a liberdade física que você tem nos países democráticos, se não nos totalitários. A liberdade interior só pode existir quando a pessoa compreende o seu condicionamento, condicionamento que tanto é social quanto cultural, religioso, econômico e físico. Podemos ficar livres disso — desse condicionamento psicológico? Primeiro, eu; depois, todo mundo!

O difícil em tudo isso é que nos apegamos a algo tão profundamente que relutamos em deixá-lo. Estudamos várias coisas e somos atraídos por uma escola psicológica em particular. Então nós a pesquisamos, estudamos e descobrimos que há aí muita coisa e ficamos presos a ela. E então vimos até aqui, ouvimos e acrescentamos isso que ouvimos ao que já sabíamos. Resultado: tudo se torna uma mixórdia, uma mistura. Não é isso o que estamos fazendo? Nossas mentes tomam-se muito confusas. E, por ora, enquanto você está aqui, essa confusão, de algum modo é afastada ou diminuída; mas quando você sai, ela volta novamente. Podemos ter consciência dessa confusão, não só enquanto estamos aqui, mas quando estivermos em casa — o que é muito mais importante?

Mas o que quer dizer tudo isto? Temos inteligência para resolver problemas tecnológicos: a mente que resolve problemas. Temos tudo isso, mas isso não é inteligência. A capacidade de pensar claramente, objetivamente, e de estar cômico das limitações do pensamento, esse é o começo da inteligência. Nós cultuamos o pensamento: quanto mais vivo o nosso pensamento, mais nos consideramos grandes como pessoas. Enquanto que, se pudéssemos observar nossa própria confusão, nossa própria maneira estreita e individual de encarar a vida, se pudéssemos estar cômicos de tudo isso, veríamos como o pensamento está eternamente criando pro-

blemas. O pensamento cria a imagem e a imagem divide — perceber isso requer inteligência. Ver perigos psicológicos é inteligência. Mas, aparentemente, não vemos essas coisas. Isso significa que alguém tem que aguilhoá-lo todo o tempo, empurrá-lo, dirigi-lo, pedir-lhe, persuadi-lo, rogar para que você tenha consciência de si mesmo; e então mover-se de lá, e não ficar lá apenas. E receio que ninguém vai fazer isso por você, nem mesmo o ser humano mais iluminado, porque então você se tornará seu escravo.

Como vocês são agora, a vitalidade, a energia física ou psicológica estão sendo dissipadas em conflito, em preocupação, em tagarelice, em bisbilhotice sem fim, não só com os outros, mas com vocês mesmos. Essa tagarelice sem fim! Isso tudo dissipa a energia psicológica necessária para observar a nós mesmos no espelho do relacionamento — nós todos estamos relacionados com uma ou outra pessoa — e descobrir nossas ilusões, imagens, absurdos e idiotices. Então, dessa observação vem a liberdade e a inteligência, que mostrará o caminho da vida.

SÍMBOLOS

*Pergunta: Eu obtenho forças concentrando-me num símbolo.
Pertencço a um grupo que encoraja esse tipo de coisa.
Isso é uma ilusão?*

Não pertença a nada! Senhor, veja a razão disso: nós não somos capazes de ficar sozinhos; queremos a força de outros, queremos ser identificados com um grupo, uma organização. A Fundação Krishnamurti não é uma organização desse tipo; ela existe apenas para publicar livros e coisas assim. Mas existe essa idéia de que precisamos ser parte de alguma coisa, pois pertencer a alguma coisa nos dá forças.

O consulente afirma que obtém forças mediante a concentração num símbolo. Todos nós temos símbolos. O mundo cristão está cheio de símbolos e de imagens, de conceitos, crenças, dogmas, rituais, e acontece o mesmo na Índia. Agora, quando pertencemos a um grande grupo que adora o mesmo símbolo, obtemos uma enorme força dele; pois ele cria o sentimento de que, por fim, estamos entendendo alguma coisa além do símbolo.

Primeiro, inventamos o símbolo — veja como nossas mentes funcionam — a imagem na igreja ou no templo, ou as letras na mesquita, e da adoração daquilo que criamos pelo nosso pensamento nós haurimos força. Veja o que está acontecendo. O símbolo não é a realidade. A realidade pode não existir jamais; mas o símbolo nos satisfaz e nos dá vita-

lidade: basta olhar para ele, pensar nele, estar com ele. É certo que o que foi criado pelo pensamento tem de ser uma ilusão. Se você me cria como sendo o seu guru — eu me recuso a ser um guru, é por demais absurdo, pois eu vejo como os seguidores destroem o guru e o guru destrói os seguidores — mas se você cria uma imagem de mim, deste conferencista, então a coisa toda começa; para mim, isso é uma abominação.

Neste caso, o pensamento é o causador do malefício. Todas as imagens que ele criou nas igrejas, nos templos, nas mesquitas, não são verdade, não são reais. Elas foram inventadas por nós e pelos padres, nasceram do nosso medo, da nossa ansiedade e incerteza do futuro. Criamos um símbolo e somos capturados por ele. Portanto, primeiro perceba que o pensamento criará sempre as coisas que dão satisfação, psicologicamente, que dão conforto. A imagem tranquilizadora é um grande conforto; ela pode ser uma ilusão total — e é — mas dá conforto, por isso jamais olharemos para além da ilusão.

PENSAMENTO E CONSCIÊNCIA

Pergunta: *Qual é a relação entre pensamento e consciência?*
Por que parecemos incapazes de ir além do pensamento?

O que é pensamento? O que é consciência? Os dois são diferentes? Quando você diz qual é a relação entre pensamento e consciência, isto implica — não é? — na existência de duas entidades diferentes, ou de dois mecanismos diferentes. Primeiramente, temos que considerar juntos o que é pensamento, pois é sobre esta questão do pensar que toda a nossa conduta, todas as nossas atividades se baseiam. O pensamento é parte de nossas emoções, sentimentos, reações e do reconhecimento dessas reações. E o que é consciência? Ser consciente de alguma coisa, estar cômico de, ser capaz de reconhecer, de compreender, esse é o campo sobre o qual a mente age, e isso é, mais ou menos, o que entendemos por consciência.

O consulente pergunta: qual é a relação entre pensamento e consciência? Todas as nossas atividades estão baseadas no pensamento, com suas imagens, lembranças passadas ou projeções futuras, e a enorme atividade em todas as direções, tecnológicas, psicológicas, físicas. E nosso relacionamento com os outros está baseado no pensamento, o pensamento que criou a imagem que você tem do outro e a imagem que o outro tem de você. Esse pensamento certamente está baseado no conhecimento, na experiência, na memória. A reação

dessa memória é o pensamento. E a experiência, o conhecimento, a memória e o mecanismo do pensamento são um processo material. Portanto, o pensamento é sempre limitado, porque o conhecimento é sempre limitado. Não existe pensamento completo sobre nada — exceto a cessação do conhecimento, que é um outro assunto. Então, onde há a influência do conhecimento, onde há o mecanismo da memória, o pensamento é limitado, finito, definido.

E qual é o papel do pensamento na consciência? Todo o conhecimento que nós acumulamos, todas as experiências, não apenas as pessoais, mas a memória coletiva, as reações genéticas, a experiência acumulada geração após geração, toda a labuta, a ansiedade, o medo e os prazeres, os dogmas, as crenças, os apegos, a dor da tristeza — tudo isso é a nossa consciência. Você pode acrescentar algo a isso, ou subtrair algo, mas ainda seria o mecanismo do pensamento como consciência. Alguém poderia dizer que há uma superconsciência, mas ainda assim ela seria parte do pensamento. A consciência está em constante movimento, fragmentando o “você” e o “eu”. Nossa consciência é constituída de seu conteúdo; sem esse conteúdo, o que é a nossa consciência? Haverá uma consciência que difira totalmente daquilo de que são feitas as várias atividades do pensamento, a que chamamos consciência? Para chegar a este ponto, temos de descobrir se o pensamento pode cessar, não temporariamente, não entre dois pensamentos, como uma lacuna ou um período de silêncio, ou como um mecanismo inconsciente. O pensamento pode cessar de alguma maneira? Este tem sido o problema de pessoas sérias que dele trataram com uma profundidade muito grande, através da meditação. Pode o pensamento — que é tão grandemente poderoso, que contém atrás de si tal quantidade de energia, energia criada durante milênios, no campo científico, nos campos econômico, religioso, social e pessoal — pode toda essa atividade chegar a um fim? Isto é: essas coisas que o pensamento construiu em nossa consciência, das quais somos feitos, que são o conteúdo da consciência, elas podem acabar?

Por que queremos pôr um fim ao pensamento? Qual é o motivo que subjaz a esse desejo de fazer cessar o pensamento? Será porque descobrimos por nós mesmos como o pensamento cria uma labuta tão grande, essa grande ansiedade pelo futuro, ansiedade que vem do passado para o presente, gerando uma sensação de total isolamento e solidão?

Quando você faz a pergunta: "O pensamento pode chegar a um fim?" você acaso está buscando um método para fazê-lo parar um sistema que você pratique dia após dia, a fim de fazer cessar o pensamento? Se você o praticar dia após dia, essa mesma prática intensifica o pensamento — naturalmente. Portanto, o que fazer? Percebemos a natureza do pensamento, sua superficialidade, o artifício intelectual de que ele lança mão. Sabemos como o pensamento divide: em nacionalidades, em crenças religiosas e assim por diante; e o eterno conflito que ele produz, do momento em que nascemos até que morremos. Será essa a razão pela qual você quer pôr um fim ao pensamento? Temos de ser muito claros a respeito do motivo pelo qual queremos fazer cessar o pensamento — se isso for possível — porque o motivo irá ditar ordens e diretrizes. Podemos viver na ilusão de que o pensamento chegou a um fim. Muitas pessoas o fazem, mas essa ilusão nada mais é que uma outra projeção do pensamento que deseja pôr um fim em si mesmo.

O pensamento, e as coisas que o pensamento construiu como consciência com seu conteúdo, isso tudo pode chegar a um fim? Se este conferencista lhes disser que sim, que valor tem isso? Nenhum. Mas será possível perceber a natureza da consciência e o mecanismo do pensamento como um processo material e observá-lo — podemos fazer isso?

Será possível observar o mecanismo do pensamento, não como um observador que olha para o pensamento, mas o próprio pensamento tornando-se cômico de seu próprio mecanismo; o despertar do pensamento e o próprio pensamento observando o seu mecanismo? Tome um exemplo bastante simples: a avareza. Observe-a enquanto ela surge e, então, pergunte para si mesmo: "O observador, o que pensa, é

diferente do pensamento?” Observar o pensamento é bastante fácil. Eu me afasto como um observador e observo o meu pensamento, o que a maioria de nós faz. Mas essa separação é ilusória, é falaciosa, pois o pensador é o pensamento. Sendo assim, pode o observador estar ausente nessa observação? O observador, o pensador é o passado — as recordações, imagens, conhecimentos, experiências, todas as coisas que ele acumulou no tempo são o observador. O observador dá o nome de avareza à reação e, ao fazê-lo, já está sendo apanhado pelo passado. Pelo próprio ato de dar um nome à reação a que chamamos avareza, nós a colocamos no passado. Enquanto que, não havendo esse ato de nomear, mas a pura observação — na qual não há divisão, como o observador e o observado, o pensador e o pensamento, a pessoa que experimenta e a experiência — então, o que ocorre? Nosso condicionamento é fazer essa divisão entre o observador e o observado, e é por isso que temos um trabalho tão grande para controlar a coisa que é observada. Sou avarento: esta é a reação. Mas nós dizemos: “Sou diferente da avareza e, portanto, posso controlá-la, posso agir sobre ela, posso eliminá-la, posso usufruir dela, posso fazer qualquer coisa com ela”. O fato é que o pensador é o pensamento. Não existe pensador sem pensamento.

Portanto, observe sem memórias passadas ou reações que se projetam imediatamente na observação; observe apenas, sem nenhuma direção, sem nenhum motivo; então você descobrirá, se o tiver feito com profundidade, que o pensamento chega a um fim. O pensamento é um mecanismo e o tempo é um mecanismo; portanto, tempo é pensamento. Essa é a verdadeira meditação: para o pensamento ver seu próprio mecanismo, como ele surge, como cria a imagem e persegue essa imagem; é observar até que não haja reconhecimento do que está sendo observado. É muito simples fazer isso: observe uma árvore sem dar-lhe um nome, sem especular sobre a sua finalidade; observe-a apenas. Então, a divisão entre a árvore e você termina — mas você não se transforma na árvore, assim o espero! A palavra com reações neurológicas cria a divisão. Isto é: podemos observar a própria mulher, ou

uma outra pessoa, sem a palavra e, portanto, sem a imagem e todas as recordações dessa relação? — isto é: observar, puramente? Então, nessa observação, que é atenção completa, não chegou o pensamento ao fim? Isso requer uma boa dose de atenção, passo a passo, observando, como um bom cientista que observa muito, muito cuidadosamente. Quando fazemos isso, o pensamento chega a um fim e, portanto, o tempo faz uma parada.

COMPAIXÃO

Pergunta: A compaixão brota da observação ou do pensamento? A compaixão não é um sentimento emocional?

Eu não sei como responder a isso. O que é compaixão? É emoção, algo romântico? Ela é aplicada em algum tipo de trabalho social? Temos de descobrir o que é compaixão, o que é o amor. O amor é desejo? O amor é prazer? Pode haver amor onde há ambição? Pode haver amor quando se está tentando tornar-se algo — não apenas no mundo exterior, mas também psicologicamente, quando há essa luta constante para ser ou para se tornar algo? Pode haver amor quando há ciúme e violência? Quando há divisão entre mim e você? Pode haver amor quando você é nacionalista? Nessa divisão de nações e na divisão de crenças, imagens, pode haver amor? É claro que não pode haver amor onde há essa divisão. Mas todos nós estamos fortemente condicionados e aceitamos esse condicionamento como normal.

Qual é a relação do amor com a tristeza? Podem o sofrimento e o amor caminhar juntos — não só o sofrimento pessoal, mas o enorme sofrimento da humanidade, o sofrimento que as guerras geraram, e ainda geram, o sofrimento de pessoas que vivem nos países totalitários — pode haver amor quando há sofrimento? Ou é somente com o fim do sofrimento que há essa ardente compaixão?

Depois de enunciar tudo isso, onde é que ficamos? O

amor é, acaso, apenas um ideal — algo que não conhecemos e, portanto, queremos possuir: essa extraordinária sensação de grande compaixão? Mas não queremos pagar o seu preço. Nós gostaríamos de possuir essa jóia maravilhosa, mas relutamos em fazer um gesto, em fazer alguma coisa que a faça surgir. Se você quer paz, você precisa viver pacificamente, e não se dividir em nações que se guerreiam e em todo esse pavor que aí está. Então, que preço pagamos por isso, não em moedas e papel, mas interiormente? Com que profundidade percebo que esse nacionalismo, toda essa divisão, precisa cessar em mim próprio como ser humano? Porque um ser humano — quer seja você ou eu — psicologicamente, é como o resto do mundo. Todos nós sofremos, todos nós passamos por agonias, todos nós passamos por grandes medos, incertezas, confusão, todos nós somos apanhados em absurdos religiosos. Nós *somos* isso. Acaso somos capazes de ver a totalidade do quadro, não como uma idéia, não como algo desejado, mas como um fato, um fato ardente, real, quotidiano? Então, dessa percepção, surge a responsabilidade da compaixão. A compaixão caminha junto com uma grande inteligência. Essa inteligência não é fruto do conhecimento. O conhecimento pode solucionar muitos problemas, intelectuais e técnicos, mas a inteligência é algo inteiramente diferente. Por favor, não aceite o que estou dizendo; considere-o, apenas. Você pode ter lido bastante, ser capaz de grandes argumentos e de solucionar problemas, mas a mente que soluciona problemas não é a mente inteligente. A inteligência vem com a compaixão, o amor. E quando essa inteligência é uma ação de compaixão, ela é global; não é uma ação particular.

CORRUPÇÃO

Pergunta: Por que o senhor diz que apego é corrupção? Não estamos apegados àqueles a quem amamos?

Isto necessita de explicação? Quando você está apegado a uma idéia, a um conceito, a um ideal, como estão os comunistas, ou os católicos, não há um início de corrupção? Quando estou preso a uma crença, a um deus, a uma imagem ou a uma pessoa, não há um início de corrupção? Por favor, senhores, não se trata da minha palavra — vejam por vocês mesmos. O apego é amor? Se eu estivesse apegado a vocês como uma audiência (Deus não o permita!) eu os estaria explorando, obtendo de vocês um grande conforto, realizando-me. Não será isso corrupção? Quando estou apegado à minha mulher, a meu amigo, a uma peça de mobília ou ao que quer que seja, a corrupção começa; eu tenho que guardá-lo, protegê-lo, e então vem o medo. O medo começa com o apego. Posso obter prazer desse apego, conforto, estímulo, mas há nele sempre a sombra do medo, ansiedade, ciúme e possessividade; as pessoas gostam de ser possuídas e de possuir. Não será isso corrupção, porque nisso há uma sensação de medo, ansiedade, de que eu poderia perdê-lo?

Então, podemos viver neste mundo sem nenhuma sensação de apego — a nada? — às nossas crenças, dogmas, deuses, a todos os vários símbolos, ideologias e imagens, e à mobília, à casa, às experiências? O que não significa que nos tornemos

desapegados. Quando há uma tentativa de ser desapegado, então o desapego é parte do apego, porque o oposto tem suas raízes em seu próprio oposto. Isso está claro? Portanto, quando compreendemos a natureza do apego, as conseqüências desse apego, percebemos todo o seu mecanismo, não apenas um apego em particular a uma pessoa, a uma idéia, ou a uma peça de mobília, mas compreender e ter o *insight* de todo esse mecanismo do apego — então o apego desaparece imediatamente, sem nenhum conflito. Então talvez tenhamos amor — porque amor, medo e ciúme não podem andar juntos.

UMA MINORIA

Pergunta: *O senhor diz: "Nós somos o mundo" – mas a maior parte do mundo parece estar indo de encontro à destruição em massa. Pode uma minoria de pessoas unidas vencer a maioria?*

Você é, nós somos, essa minoria? Haverá entre nós quem esteja totalmente livre de tudo isso? Ou estamos contribuindo parcialmente para o ódio mútuo, psicologicamente? Você pode não ser capaz de impedir um país de atacar outro, mas, psicologicamente, você está livre da herança comum desse país, que é o seu nacionalismo tribal glorificado? Estamos livres da violência? A violência existe onde houver um muro à nossa volta. Por favor, entenda tudo isso. E nós construímos muros para nós mesmos, de quinze pés de altura e dez pés de espessura. Todos nós temos esses muros ao nosso redor. Disso deriva a violência e essa sensação imensa de solidão. Então, a minoria e a maioria são vocês. Se um grupo de nós, psicologicamente, se transformou de um modo fundamental, nós jamais faremos essa pergunta, porque seremos então algo inteiramente diferente.

FÉ E ORAÇÃO

Pergunta: *Os místicos cristãos descrevem certas formas de oração mental nas quais eles falam com Deus, ou com aquilo a que eles chamam Deus. Eles dizem que nesse tipo de oração acontece algo tremendo, que eles chamam de união com Deus. Eles estão convencidos de que não se trata de uma ilusão. Eles estarão se enganando a si próprios? Então, o que é a fé? Isso parece dar às pessoas o poder de fazer coisas extraordinárias.*

Se você é nacionalista, isso lhe dá um poder extraordinário para matar os outros. Veja o que eles estão fazendo! Portanto, uma ilusão pode dar-lhe uma vitalidade e uma força enormes para fazer coisas extraordinárias? Aparentemente, sim. Veja o que os missionários cristãos têm feito ao mundo porque acreditam em algo. Essa crença pode ser totalmente irreal — uma imagem que a mente criou — mas eles acreditam nela e estão apegados a ela, e querem converter todas as outras pessoas do mundo à mesma crença. Eles suportam desconfortos extraordinários, doenças e toda espécie de trabalho pesado. E esses místicos que falam com Deus através da oração — eu não sei o que é Deus, ninguém sabe — eles têm uma imagem de que existe uma entidade suprema e de que, através da oração, através da fé, através da dedicação, através da devoção, você pode mover montanhas. Veja o que a América, a Rússia, a

Índia e todos os outros países estão fazendo. Eles têm uma fé tremenda em seu país, em seu nacionalismo, e estão construindo um vasto mundo tecnológico para destruir os outros, que estão fazendo exatamente a mesma coisa. Para ir à lua, que energia enorme é necessária, que capacidade tecnológica, que fé; os americanos pela primeira vez na lua, com sua bandeira!

No mundo cristão, a fé tomou o lugar da dúvida. A dúvida é muito depuradora; ela purifica a mente. Se você duvida de suas experiências, de suas opiniões, você está livre para observar claramente. No mundo oriental, no budismo e no hinduísmo, a dúvida é um dos fatores mais importantes; exige-se que você duvide, questione; você não tem que aceitar nada: seja uma luz dentro de você mesmo, uma luz que não lhe pode ser dada por ninguém. (É claro que agora, na Índia e na Ásia isso se acabou; eles são como qualquer outra pessoa, estão se tornando mercadores.) Essa grande força não vem através da oração, não vem através da ilusão, da fé; ela vem através da lucidez, através da mente que pode ver claro; e essa lucidez não vem e vai. Quando você vê algo claramente — por exemplo, que o nacionalismo é a coisa mais destrutiva do mundo — então, você dá um fim nisso. E o fim desse fardo lhe proporciona vitalidade, energia, força. Da mesma maneira, se você está totalmente livre de todos os apegos, isso lhe dá a força do amor, e isso pode fazer muito mais do que todas as outras experiências e orações.

Fugir através de uma ilusão, através de um símbolo, através de um ideal é um caminho muito fácil. Mas perceber exatamente o que somos, e ir além, requer uma grande dose de energia, de percepção e de ação; é muito mais árduo. Isso significa que temos de nos tornar extraordinariamente conscientes em todas as nossas atividades e sentimentos. Mas relutamos em fazer tudo isso. Pensamos que, mediante alguma oração fácil, podemos falar com Deus. Afinal, Deus é construído pelo pensamento: o Deus cristão, os deuses hindus; os budistas não têm deuses, mas têm suas próprias imagens.

AJUDANDO OS OUTROS

Pergunta: Sou membro de um grupo Gurdjieff. Acho que isso me deu base para entender melhor o que o senhor está dizendo. Devo continuar com esse grupo para, possivelmente, ajudar os outros, como fui ajudado? Ou os grupos contribuem para a fragmentação?

Essa é uma idéia extraordinária, essa idéia de ajudar os outros, como se você possuísse compreensão, beleza, amor, verdade, o mundo todo em ordem, e essa enorme sensação de unidade. Se você possuísse isso, você não falaria em ajudar os outros.

Por que queremos pertencer a algo? — pertencer a alguma seita, a algum grupo, a alguma corporação religiosa? Será porque isso nos dá força? Será porque não podemos ficar sozinhos? A palavra “sozinho” significa “um só”. Será porque precisamos de estímulo, precisamos de alguém que nos diga este é o caminho certo? O consulente diz: Como eu pertenço a certo grupo, isso me ajudou a entender o senhor. Entender o quê? A mim? Por favor, veja bem. Entender o que estamos falando? Precisamos de intérpretes para entender o que estamos falando? — ser gentil, amar, não ter o senso de nacionalidade? É necessário que alguém nos diga isso? Por que dependemos dos outros, quer o outro seja uma imagem numa igreja, num templo ou mesquita, ou o pregador, os psicólogos? Por que dependemos dos outros? Se depen-

demos mesmo dos outros psicologicamente, nós nos tornamos pessoas de segunda mão, que é o que somos. Toda a história da humanidade está em nós — a história da humanidade não está nos livros, exceto as coisas exteriores; a história toda está aqui. E nós não sabemos como lê-la. Você entende o que estou dizendo? Você é o livro. Mas quando você lê o livro como um leitor, ele não tem significado. Mas se você é o livro e o livro está revelando você, contando-lhe a história, então você não dependerá de uma só pessoa, você será uma luz em você mesmo. Mas estamos todos esperando por um fósforo, pelo fósforo de outra pessoa, para acender a luz. Talvez seja por isso que vocês todos estão aqui. E aí está a tragédia, porque não podemos ver claramente por nós mesmos. Antes de ajudar os outros, precisamos ver claramente, pelo amor de Deus! É como um cego guiando outro cego.

LIBERDADE

Pergunta: *O que é liberdade?*

Muitos filósofos têm escrito sobre a liberdade. Falamos sobre liberdade — liberdade para fazer o que quisermos, para ter o emprego de que gostamos, liberdade para escolher uma mulher ou um homem, liberdade para ler qualquer livro, ou liberdade para não ler absolutamente nada. Somos livres, e o que fazemos com essa liberdade? Usamos essa liberdade para nos expressarmos, para fazer aquilo de que gostamos. A vida está se tomando cada vez mais permissiva — você pode fazer amor no parque ou no jardim.

Temos toda espécie de liberdade, e o que temos feito com ela? Pensamos que onde há escolha há liberdade. Eu posso ir à Itália ou à França: é uma escolha. Mas a escolha dá liberdade? Por que temos que escolher? Se você é realmente lúcido, tem uma compreensão exata das coisas, não há escolha. Disso resulta uma ação correta. Apenas quando há dúvida e incerteza é que começamos a escolher. A escolha, então, se vocês me permitem dizê-lo, constitui um empecilho para a liberdade.

Nos estados totalitários não há liberdade alguma, pois eles têm a idéia de que a liberdade produz a degeneração do homem. Portanto, eles controlam, reprimem — vocês sabem o que está acontecendo.

Então, o que é liberdade? É algo que se baseia na

escolha? É fazer exatamente o que queremos? Alguns psicólogos dizem que, se você sente alguma coisa, não deve reprimi-la ou controlá-la, mas deve expressá-la imediatamente. Jogar bombas é liberdade? — veja apenas a que reduzimos a nossa liberdade!

A liberdade está lá fora, ou aqui dentro? Onde você começa a procurar pela liberdade? No mundo exterior — onde você expressa o que quer que você queira, a tal liberdade individual — ou a liberdade começa dentro de você, para então se expressar inteligentemente fora de você? Compreendeu a minha pergunta? A liberdade só existe quando não há confusão dentro de mim, quando, psicologicamente, religiosamente, não há o perigo de eu cair em nenhuma armadilha — você entende? As armadilhas são inúmeras: gurus, sábios, pregadores, livros excelentes, psicólogos e psiquiatras — tudo armadilhas. E se estou confuso e há desordem, não preciso, primeiro, me livrar dessa desordem antes de falar em liberdade? Se não tenho nenhum relacionamento com minha mulher, com meu marido, ou com outra pessoa — porque nossos relacionamentos são baseados em imagens — surge o conflito, que é inevitável onde há divisão. Então, não deveria eu começar por aqui, dentro de mim, na minha mente, no meu coração, a ser totalmente livre de todos os medos, ansiedades, desesperos, e das mágoas e feridas de que sofremos por causa de alguma desordem psíquica? Observe tudo por si mesmo e livre-se disso!

Mas, aparentemente, nós não temos energia. Nós nos dirigimos aos outros para que nos dêem energia. Falando com o psiquiatra nós nos sentimos aliviados — a confissão e tudo o mais. Sempre dependendo de alguma outra pessoa. E essa dependência, inevitavelmente, causa conflito e desordem. Então, temos de começar a compreender a profundidade da liberdade; precisamos começar com aquilo que está mais perto: nós mesmos. A grandeza da liberdade, a verdadeira liberdade, a dignidade, a sua beleza, está em nós mesmos quando a ordem é completa. E essa ordem só vem quando somos uma luz para nós mesmos.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

J. Krishnamurti

No início destes encontros de perguntas e respostas, realizados entre agosto de 1979 e setembro de 1980 em Brockwood Park, Inglaterra, em Ojai, na Califórnia, e em Saanen, na Suíça, Krishnamurti disse:

“Indagar é procurar. Juntos, nós vamos procurar, encontrar, descobrir a resposta certa. Isto não é o oráculo de Delfos. Juntos, vamos agora descobrir o significado e a importância da pergunta e também procurar a resposta. Aqui não existe nenhuma autoridade. Estou sentado sobre este estrado por conveniência, a fim de que todos possam me ver, mas esta posição ligeiramente elevada não me confere qualquer autoridade.”

A tônica de todos os encontros de Krishnamurti com seus ouvintes é sempre essa: a de uma perfeita identidade entre o auditório e o conferencista, o cuidado de não se arvorar em mestre ou guru de quem quer que seja. Na sua opinião, o auditório deve pensar junto com o conferencista, e pensar junto não é aceitar passivamente tudo o que o conferencista diz, não é concordar com suas idéias, nem concordar com as conclusões a que ele chegou.

É assim, num ambiente de completa liberdade de opinião, que Krishnamurti pensa, junto com o auditório, em temas tão controvertidos quanto a verdade, a morte, a violência, a reencarnação, o sexo, as experiências extra-sensoriais, a liberdade, a educação, e tantos outros, com a sabedoria de quem conhece os segredos da arte de bem viver.

EDITORA CULTRIX